

Universidade do Sul de Santa Catarina

Metodologia para Estudo de Caso



UnisulVirtual

Universidade do Sul de Santa Catarina

Metodologia para Estudo de Caso

UnisulVirtual
Palhoça, 2014

Créditos

Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul

Reitor

Sebastião Salésio Herdt

Vice-Reitor

Mauri Luiz Heerd

Pró-Reitor de Ensino, de Pesquisa e de Extensão

Mauri Luiz Heerd

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Luciano Rodrigues Marcelino

Pró-Reitor de Operações e Serviços Acadêmicos

Valter Alves Schmitz Neto

Diretor do Campus Universitário de Tubarão

Heitor Wensing Júnior

Diretor do Campus Universitário da Grande Florianópolis

Hércules Nunes de Araújo

Diretor do Campus Universitário UnisulVirtual

Fabiano Ceretta

Campus Universitário UnisulVirtual

Diretor

Fabiano Ceretta

Unidade de Articulação Acadêmica (UnA) - Educação, Humanidades e Artes

Marciel Evangelista Cataneo *(articulador)*

Unidade de Articulação Acadêmica (UnA) – Ciências Sociais, Direito, Negócios e Serviços

Roberto Iunskovski *(articulador)*

Unidade de Articulação Acadêmica (UnA) – Produção, Construção e Agroindústria

Diva Marília Flemming *(articuladora)*

Unidade de Articulação Acadêmica (UnA) – Saúde e Bem-estar Social

Aureo dos Santos *(articulador)*

Gerente de Operações e Serviços Acadêmicos

Moacir Heerd

Gerente de Ensino, Pesquisa e Extensão

Roberto Iunskovski

Gerente de Desenho, Desenvolvimento e Produção de Recursos Didáticos

Márcia Loch

Gerente de Prospecção Mercadológica

Eliza Bianchini Dallanhol

Ana Waley Mendonça (Org.)

Metodologia para Estudo de Caso

Livro didático

Designer instrucional
Marina Cabeda Egger Moellwald

UnisuVirtual
Palhoça, 2014

**Copyright ©
UnisuVirtual 2014**

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização desta instituição.

Livro Didático

Professora conteudista

Ana Waley Mendonça (Org.)

Designer instrucional

Marina Cabeda Egger Moellwald

Projeto gráfico e capa

Equipe UnisuVirtual

Diagramador(a)

Jordana Paula Schulka

Revisor(a)

Diane Dal Mago

ISBN

978-85-7817-651-8

001.42

M55 Metodologia para estudo de caso : livro didático / Organizadora Ana Waley Mendonça; design instrucional Marina Cabeda Egger Moellwald, revisor Diane Dal Mago. – Palhoça : UnisuVirtual, 2014. 99 p. : il. ; 28 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7817-651-8

1. Metodologia. 2. Método de estudo de casos. I. Mendonça, Ana Waley. II. Moellwald, Marina Cabeda Egger. III. Dal Mago, Diane. IV. Título.

Sumário

Introdução | 7

Capítulo 1

Ciência | 9

Capítulo 2

Pesquisa | 27

Capítulo 3

Estudo de Caso | 53

Capítulo 4

Projeto de pesquisa | 63

Considerações Finais | 91

Referências | 93

Sobre a Professora Conteudista | 99

Introdução

Prezado(a) estudante,

Essa Unidade de Aprendizagem apresenta conteúdos que permitirá a compreensão sobre a elaboração de um projeto de pesquisa, atendendo o rigor científico. Neste sentido, no decorrer dos estudos você se apropriará de novos conhecimentos, que permitirão o desenvolvimento de competências e habilidades para a elaboração de um projeto de pesquisa em estudo de caso.

No primeiro capítulo, conteúdos sobre ciência, métodos de abordagem e procedimentos e técnicas de pesquisa são contemplados, permitindo que você identifique as características que definem a ciência, as diferenças entre os métodos de abordagem e de procedimentos e as técnicas de pesquisa, que são alguns dos instrumentos de coleta de dados que podem ser utilizados numa investigação científica.

O estudo do segundo capítulo possibilitará a compreensão do conceito de pesquisa e sua classificação, permitindo identificar as diferenças entre os vários tipos de pesquisa e os tipos de abordagem.

O conteúdo estudado no terceiro capítulo propiciará a compreensão das características que definem uma pesquisa do tipo estudo de caso. Ao mesmo tempo, o entendimento sobre as situações em que esse tipo de pesquisa é recomendado, quais suas vantagens, quais os tipos e quais as etapas que devem ser seguidas para a investigação do tema e/ou assunto.

O quarto capítulo permite que você identifique os itens que contemplam um projeto de pesquisa, com seus respectivos textos e os que fazem parte dos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

O desenvolvimento da pesquisa é uma das finalidades das instituições de ensino superior, visando à produção de novos saberes por meio de estudos científicos, envolvendo docentes e discentes.

Sucesso nos estudos!

Professora Ana Waley Mendonça

Capítulo 1

Ciência

Habilidades

O estudo dos conteúdos deste capítulo proporcionará o conhecimento sobre o conceito de ciência, permitindo reconhecer as características que são pertinentes ao conhecimento científico. Também compreender sobre o método científico, a sua classificação e tipos de técnicas. Estes são elementos que fazem parte da investigação científica e permitem ao acadêmico os primeiros passos para estudos com características científicas.

Seções de estudo

Seção 1: Ciência

Seção 2: Método científico

Seção 3: Técnicas de pesquisa

Seção 1

Ciência

Etimologicamente, Ciência significa conhecimento. Para Marconi e Lakatos (2009, p. 80), “ciência é uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”. De acordo com Trujillo Ferrari (1974, p. 8 apud MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 80). “[...] ciência é todo conjunto de atitudes e atividades racionais dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”.

Apesar das várias definições de ciência, os autores são unânimes quanto às suas características essenciais: “a ciência pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, verificável e falível”. (GIL, 2010, p. 2).

De acordo com Gil (2010), trata-se de um conhecimento:

- objetivo, pois descreve a realidade como ela se apresenta, dispensando a subjetividade do pesquisador;
- racional, pois utiliza a razão, ou seja, o raciocínio lógico, evitando a sensação ou meras impressões, para chegar a resultados;
- sistemático, pois constrói sistemas de ideias organizadas racionalmente, obedecendo critérios lógicos;
- verificável, pois permite a constatação, a comprovação, a veracidade das informações; e
- falível, pois reconhece a possibilidade de errar.

Leonel e Motta (2011) apresentam outras características de Ciência:

- factual, que diz respeito a fatos reais, disponíveis numa determinada realidade;
- preditiva, na medida em que é possível prever como os fenômenos podem acontecer;
- comunicável, ou seja, o resultado de investigações devem ser publicados à sociedade, a partir do momento em que a descoberta científica é reconhecida pela comunidade científica e autorizada para publicação em revista de circulação;
- descritivo-explicativa, pois o conhecimento científico é expresso por meio de leis e teorias para explicar fenômenos;

- metódica, o que significa seguir de forma ordenada, organizada, todas as etapas que o pesquisador estabelece para a investigação de um assunto;
- movida por paradigmas, pois o conhecimento científico baseia-se em representações formadas por pressupostos teórico-filosóficos de acordo com cada contexto histórico.

Seção 2

Método científico

A palavra **método** vem do grego *methodos* e é composta de *metá* (através de, por meio de) e de *hodós* (via, caminho). Para que você possa entender o significado da palavra em seu sentido etimológico, imagine a escalada de uma montanha que oferece muitas dificuldades na subida. Antes de subir, certamente será necessário estudar a montanha para ter a certeza do melhor caminho a ser seguido, providenciar as ferramentas necessárias e conhecer as regras e técnicas da escalada. A palavra método foi utilizada nesse sentido, querendo designar **via, caminho, meio ou linha de raciocínio**.

Para todas as atividades da vida humana, é necessário escolher a melhor via, o melhor caminho, isso é, o melhor método. Na Ciência, isso é diferente. Se o pesquisador lança um problema de pesquisa, se deseja investigar um determinado fenômeno, precisa, antes de tudo, determinar o caminho a ser seguido para encontrar respostas para o seu problema. Assim, o método consiste no ponto de ligação entre a dúvida e o conhecimento.

[...] A própria significação da palavra 'método' indica que sua função é instrumental, ligando dois polos, a saber, um polo de origem ou ponto de partida (estado de ignorância), outro polo de destinação ou ponto de chegada (estado de conhecimento) [...]. O método corresponde ao grande empreendimento de construção do saber científico, da fase investigativa à fase expositiva [...]. (BITTAR, 2003, p. 9-10).

O método é um aliado da Ciência, sendo, por isso, indispensável na produção do conhecimento científico. Todo pesquisador que se propõe a fazer pesquisa coloca-se, por analogia, na posição do alpinista que se pergunta qual o melhor caminho para escalar a montanha. Neste caso, o pesquisador se pergunta: qual o melhor método para investigar um determinado problema de pesquisa?

Não há método pronto, fixo e definitivo que possa ser adquirido num balcão de supermercado. O estabelecimento do método da pesquisa depende de

fatores relacionados à natureza do objeto de estudo, de aspectos relacionados à natureza da Ciência em que o objeto se situa e, fundamentalmente, da **criatividade** do pesquisador. Neste sentido, entenda o método como sendo a expressão formal do pensamento, a linha de raciocínio que o pesquisador estabelece para abordar o seu problema de pesquisa.

Por mais que o método seja uma consequência da criatividade do pesquisador, é possível encontrar na literatura da área de Metodologia (disciplina que estuda o método) alguns métodos já consagrados que expressam a forma do raciocínio se organizar.

Esses métodos são classificados em dois tipos:

- abordagem; e
- procedimento.

2.1 Métodos de abordagem

Os métodos de abordagem estão vinculados ao plano geral do trabalho, ao raciocínio que se estabelece como fio condutor na investigação do problema de pesquisa. Cervo e Bervian (1983, p. 23) afirmam que “é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado”.

Os tipos mais frequentes de métodos utilizados como base de raciocínio nas investigações científicas são:

- Dedutivo;
- indutivo;
- hipotético-dedutivo;
- dialético; e
- fenomenológico.

2.1.1 Método dedutivo

Esse método parte de uma proposição universal ou geral para atingir uma conclusão específica ou particular.

Exemplo 1	Exemplo 2
Todo homem é mortal.	Nenhum mamífero é peixe.
Sócrates é homem.	A baleia é um mamífero.
Então, Sócrates é mortal.	Então, a baleia não é peixe.

Nos exemplos citados, observe que a primeira premissa é geral ou universal: “todo homem é mortal” ou “nenhum mamífero é peixe”. A expressão “todo” refere-se a uma proposição universal afirmativa e a expressão “nenhum” refere-se a uma proposição universal negativa. Em ambos os casos você observou que a primeira

Premissa é aquilo que vem antes.

premissa é universal - todos ou nenhum - e que a conclusão é particular: “Sócrates é mortal” ou “a baleia não é peixe”, ou seja, trata-se de uma pessoa ou de um animal.

Em uma pesquisa científica, muitas vezes o pesquisador estabelece seu raciocínio de forma com que as primeiras considerações acerca do problema sejam consideradas universais ou gerais para, em seguida, analisar o problema de forma específica ou particular.

É o que acontece com o seguinte exemplo:

O objetivo deste estudo é analisar o mercado de trabalho e o mercado de recursos humanos, com foco no município de Uberlândia. Esse estudo traz aspectos específicos de quatro carreiras: a do bacharel em Administração, a do bacharel em Ciências Econômicas, a do bacharel em Direito e a do Engenheiro. A importância de se estudar o mercado de trabalho e o mercado de recursos humanos, focado no município de Uberlândia, justificou-se pela constatação de uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas, que levaram o mercado a uma saturação, na qual muitos profissionais disputam poucas vagas. **Para alcançar o propósito do trabalho utilizou-se do método dedutivo, partindo de argumentos amplos e genéricos, para argumentos específicos e particulares.** Assim, iniciou-se a pesquisa com uma revisão bibliográfica do tema, através da consulta de diversos textos, artigos e livros. Depois, foi feita uma consulta aos bancos de dados de institutos brasileiros de pesquisa e, posteriormente, uma análise junto aos dados fornecidos por uma agência de recursos humanos, que seleciona mão-de-obra para várias empresas da região. A partir da análise da literatura e dos dados obtidos na pesquisa, passou-se a refletir sobre questões significativas do mercado de trabalho e do mercado de recursos humanos, expondo e comparando dados e informações. Assim, concluiu-se que a situação do mercado de trabalho e do mercado de recursos humanos uberlandense não se difere do contexto geral, tendo como característica básica um elevado índice de concorrência e escassez de vagas. (JAREÑO, 2008, p. 1, *grifo nosso*).

Observe a presença do método dedutivo na parte destacada do resumo. O autor partiu de um conhecimento **geral** sobre o mercado de trabalho, para, em seguida, extrair conclusões **particulares** sobre o mercado de trabalho no município de Uberlândia.

2.1.2 Método indutivo

Esse método parte de uma ou mais proposições particulares para atingir uma conclusão geral ou universal.

Exemplo 1	Exemplo 2
O cisne 1 é branco.	O ouro conduz eletricidade.
O cisne 2 é branco.	O cobre conduz eletricidade.
O cisne 3 é branco.	O ferro conduz eletricidade.
Ora, os cisnes 1, 2 e 3 são brancos.	Ora, o ouro, o ferro e o cobre são metais.
Logo, todos os cisnes são brancos.	Logo, todos os metais conduzem eletricidade.

Os exemplos apresentados indicam, nas primeiras premissas, dados ou fatos particulares - os cisnes 1, 2 e 3 são brancos, ou o ouro, o cobre e o ferro conduzem eletricidade - e se encaminham para conclusões universais - todos os cisnes são brancos ou todos os metais conduzem eletricidade.

Um exemplo prático da aplicação do método indutivo pode ser observado no seguinte resumo:

O presente trabalho trata-se de litisconsórcio no direito processual civil, especificamente sobre o litisconsórcio ativo necessário, objetivando apontar o momento da formação do litisconsórcio ativo necessário, identificar como se dá a obrigatoriedade na formação do litisconsórcio e verificar quem possui legitimidade para figurar como parte no processo. No entanto, a metodologia a ser desenvolvida nesta pesquisa será através de pesquisas bibliográficas e eletrônicas, exame de livros, investigação de artigos e críticas elaboradas por juristas. Serão observadas as atualizações legislativas, doutrinárias e jurisprudenciais. **Diante do tema a ser abordado, utilizar-se-á o método indutivo, partindo da análise do registro de fatos singulares ou menos gerais, visando chegar a conclusão desdobrada ou ampliada em enunciado mais geral, visto que este será o meio mais apropriado para se alcançar o que objetiva a presente pesquisa.** A obtenção de dados será feita no sentido de proporcionar consistência ao trabalho de modo que consiga alcançar os objetivos anteriormente traçados e proporcione essencialmente esclarecimento e conhecimento do tema em exame. A presença de litisconsórcio no processo representa, ao lado de uma cumulação subjetiva, também, uma cumulação objetiva, é dizer, a presença de várias ações em um único processo. (RIBEIRO, 2007, *grifo nosso*).

Observe que a parte destacada demonstra, claramente, o raciocínio que a autora utilizou no curso da pesquisa. Como observado, ficou clara a utilização do método indutivo. A pesquisadora partiu de uma proposição particular - registro de fatos singulares ou menos gerais - para chegar num conhecimento mais geral ou universal - visando chegar à conclusão desdobrada ou ampliada em enunciado mais geral.

No raciocínio dedutivo, se as duas primeiras premissas estiverem corretas, a conclusão necessariamente será correta, mas isto não ocorre com o raciocínio indutivo.

No método indutivo, diz-se que o todo é igual às partes que foram analisadas. Esse procedimento pode marcar a **falibilidade** do conhecimento, pois nem sempre o todo é igual às partes. Há registros de cisnes pretos. Afirmar que todos os cisnes são brancos, portanto, é um erro.

2.1.3 Método hipotético-dedutivo

Este método não se limita à generalização empírica das observações, independentemente da apreciação do observador. Por isso, considera-se um método lógico por excelência, que se relaciona à experimentação, motivo pelo qual é amplamente utilizado nas pesquisas das ciências naturais. É um método que consiste em testar as hipóteses. A solução provisória apresentada ao problema da pesquisa deve ser submetida ao teste de falseamento, por meio da observação e da experimentação.

Você pode perceber a aplicação do método hipotético-dedutivo nas ciências médicas, no seguinte exemplo:

O objetivo desta revisão é expor as fases e os principais constituintes do processo cognitivo que os médicos empregam no raciocínio clínico das decisões diagnósticas e terapêuticas. O processo de solução dos problemas clínicos utiliza-se do método científico hipotético-dedutivo de resolver problemas. Tão logo um médico encontra um paciente, várias hipóteses diagnósticas surgem-lhe na mente, as quais são avaliadas e refutadas ou corroboradas. A decisão diagnóstica é realizada quando uma hipótese atinge um certo grau de verossimilhança. A decisão terapêutica depende dos objetivos pretendidos e da efetividade esperada entre as diversas alternativas disponíveis. (RÉA-NETO, 1988).

Nenhuma hipótese, no contexto das decisões diagnósticas e terapêuticas, poderá ficar somente no âmbito das ideias. O médico, necessariamente, precisa testá-las por intermédio dos exames clínicos e laboratoriais.

Na ciência não é diferente. As hipóteses precisam ser testadas empiricamente e podem ser corroboradas ou refutadas. Se corroboradas, sua validade é aceita e se refutadas, sua validade é rejeitada.



Qual é a diferença entre o método dedutivo e o método hipotético-dedutivo?

O método dedutivo é consequência de uma implicação de ideias que são encadeadas pelo raciocínio, muitas vezes distante dos fatos; o método hipotético-dedutivo exige a verificabilidade objetiva dos fatos. Isto quer dizer que a dedução transforma-se em hipótese e precisa ser testada. Você percebeu que, no método dedutivo, foi apresentado o seguinte exemplo: “nenhum mamífero é peixe; a baleia é mamífero; então a baleia não é peixe”. No método hipotético-dedutivo só é possível aceitar que a baleia não é peixe se houver um procedimento que permita a sua verificabilidade, ou seja, é necessário provar, pela observação ou pela experimentação, que a baleia não é peixe.

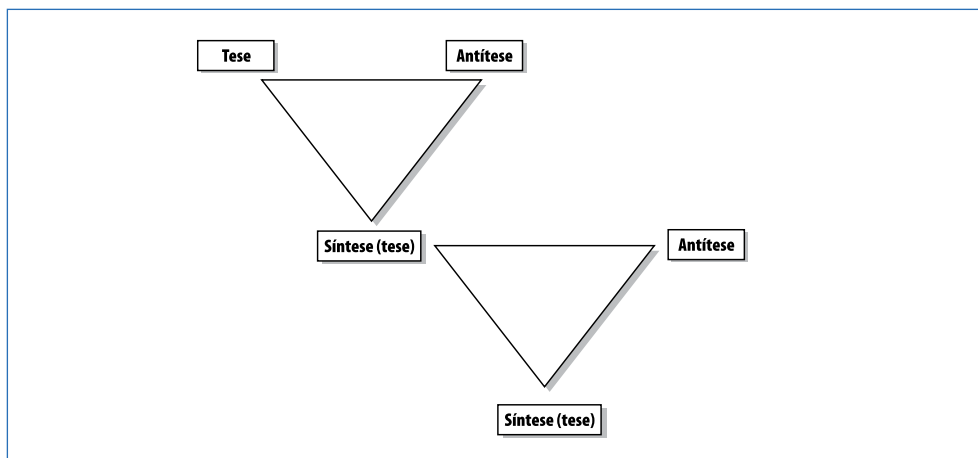
2.1.4 Método dialético

A dialética é uma abordagem que tem como objetivo a obtenção da verdade a partir da observação e superação das contradições dos argumentos, implicando no clássico raciocínio da tese, antítese e síntese. A negação é o seu motor.

Neste método, como você pode observar, a contradição é o ponto central de todas as coisas, numa dada realidade, culminando na lógica do conflito, do movimento e da mudança. Ter uma compreensão dialética do mundo significa, portanto, entender esse mesmo mundo como essencialmente contraditório.

Observe a figura a seguir.

Figura 1.1 – Metodologia da dialética de Hegel



Fonte: Heerdt e Leonel (2006, p. 71).

A tese representa a afirmação, a antítese a negação e a síntese a negação da negação, ou seja, a negação da tese e a negação da antítese.

Para entender esse movimento, imagine a organização da sociedade da época medieval e moderna. Na Idade Média, a sociedade era formada, basicamente, por duas classes sociais:

- a nobreza - composta pelo clero; e
- senhores feudais e servos - composta pelos camponeses.

A luta entre essas duas classes fez surgir uma nova sociedade: a capitalista. No período Moderno, a sociedade capitalista foi formada por duas classes:

- a burguesia; e
- o proletariado.

O embate entre essas duas classes fez com que surgisse a sociedade socialista ou comunista. Assim é o movimento da História e a forma de entender como as sociedades se transformam na concepção da dialética.

Na pesquisa científica, o método dialético fica evidenciado quando se discute as contradições próprias do objeto de estudo. No trabalho escrito, por exemplo, estas contradições podem ser apresentadas em capítulos diferentes, em que o primeiro caracterizaria a tese, o segundo a antítese e o terceiro, a síntese.

Pasold (2000, p. 86) afirma que o método dialético, no âmbito da pesquisa científica, significa “estabelecer ou encontrar uma tese, contrapondo a ela uma antítese encontrada ou responsabilmente criada e, em seguida, buscar identificar ou estabelecer uma síntese fundamentada quanto ao fenômeno investigado”.

Vejam um exemplo da aplicação do método dialético na pesquisa científica:

No presente artigo estabelecemos a crítica a duas categorias recorrentes em Educação Ambiental, tanto em termos práticos quanto discursivos: o fetichismo da individualidade e os dualismos escola-sociedade, linguagem-trabalho. À luz de um referencial teórico inserido na tradição dialética emancipatória, problematizamos os limites e as implicações pedagógicas de tais categorias no fazer educativo ambiental. Com isso, sinalizamos para a necessidade de maior reflexão e debates acerca do que representa a incorporação de certos posicionamentos a-históricos e não dialéticos, apesar de por vezes relacionais, diante dos desafios e finalidades que os educadores ambientais historicamente se colocam. Por fim, reafirmamos a pertinência do método dialético marxiano, quando se tem por objetivo

a construção de uma Educação Ambiental baseada na compreensão complexa e contextualizada da realidade e focalizada na superação das relações sociais estabelecidas no capitalismo, como caminho para a concretização de um novo patamar societário na natureza. (LOUREIRO, 2006, p. 37).

A presença do método dialético ficou evidenciada a partir do momento em que se faz uma crítica ao modelo de educação ambiental (fetichista e dualista), instalado na sociedade capitalista, e se propõe a superação desse modelo a partir de uma nova praxis relacionada à educação ambiental.

2.1.5 Método fenomenológico

A fenomenologia toma como base a ideia de que é possível chegar à essência do objeto da pesquisa (do **ser** pesquisado) a partir da observação e do exame do fenômeno como algo que aparece à consciência.

O método fenomenológico, no âmbito da pesquisa científica, pode ser evidenciado, principalmente, nas pesquisas de abordagem qualitativa. Acompanhe o seguinte exemplo:

A proposta deste estudo foi desvelar os sentimentos de mulheres com neoplasia em seu ambiente familiar. A estratégia metodológica que o conduziu está fundamentada na abordagem fenomenológica, método que procura desvelar o fenômeno, ou seja, aquilo que se mostra a si mesmo, a partir da linguagem de quem o vivencia. Ao serem interrogadas sobre sua experiência com o câncer, as mulheres expressaram o seu ver, sentir e, viver com a doença. Dos discursos analisados emergiram dois momentos distintos: a sua vivência com o câncer; e a vivência com seus familiares após o diagnóstico de câncer. O estudo fez-nos perceber, que em sua existencialidade cada pessoa reage de forma diferente perante suas vicissitudes, desvelando quanto são dolorosos ou prazerosos os acontecimentos da vida. (SALES; MOLINA, 2004, p. 720).

Os elementos presentes nesse resumo evidenciam que o método fenomenológico é aquele que busca compreender o ser humano e suas “experiências vividas”, cujo pano de fundo é o dia a dia, ou seja, o mundo, o cotidiano. No caso da pesquisa, procurou-se compreender os sentimentos das mulheres com câncer em seu ambiente familiar.

2.1.6 Métodos de procedimento

Ao contrário dos métodos de abordagem, os métodos de procedimento estão vinculados muito mais à etapa de aplicação das técnicas em uma investigação ou, mais especificamente, às fases de desenvolvimento de uma pesquisa. Caracterizam-se por apresentar um conjunto de procedimentos relacionados ao momento da coleta e registro dos dados.

Enquanto o método de abordagem está relacionado ao **pensar**, os métodos de procedimento estão ligados ao **fazer**. Acompanhe, a seguir, a descrição dos principais tipos de métodos de procedimento:

- comparativo;
- estatístico;
- etnográfico;
- histórico; e
- monográfico.

O **método comparativo** tem como preocupação básica a verificação de semelhança entre pessoas, padrões de comportamento ou fenômenos, para poder explicar as divergências constatadas nessa comparação.

Observe o seguinte resumo:

O objetivo do estudo foi comparar o desempenho perceptual-motor na idade escolar de crianças nascidas pré-termo e a termo. Participaram do estudo 2 grupos de crianças, com idades entre 5 e 7 anos. O grupo I foi constituído por 35 crianças, de famílias de baixa renda, nascidas até a 34ª semana de gestação e/ou peso abaixo de 1500g, sem sinais de sequela neuromotora. O Grupo II foi constituído por 35 crianças nascidas a termo, com idade, sexo e nível socioeconômico equivalentes às crianças do Grupo I. Foram aplicados os testes de Bender, acuidade motora, provas de equilíbrio e tônus postural. As crianças pré-termo obtiveram escores significativamente inferiores na maioria dos testes. Tais resultados reafirmam a importância do acompanhamento da criança pré-termo até a idade escolar e indicam a necessidade de se estimular o controle postural e a coordenação motora fina, mesmo naquelas crianças que não apresentam sequelas neurológicas evidentes. (MAGALHÃES et al, 2003).

Fica evidente, na leitura do resumo, que o objetivo principal da pesquisa é discutir o problema da prematuridade comparando o desempenho perceptual-motor de crianças em idade escolar.

O **método estatístico** fundamenta-se na utilização da teoria estatística das probabilidades para a interpretação de dados analisados, ou melhor, consiste “na redução de fenômenos sociais à representação quantitativa e aplicação de instrumentos estatísticos de análise”. (RAUEN, 2002, p. 45).

Acompanhe o exemplo a seguir:

Objetivou-se delinear o perfil socioeconômico, nutricional e de saúde de adolescentes recém-ingressos em uma universidade pública brasileira. As variáveis comportamentais foram obtidas por meio de questionário, o percentual de gordura corporal (%GC) pelo somatório das dobras cutâneas e o estado nutricional pelo Índice de Massa Corporal. A maioria dos adolescentes era do sexo feminino (57,3%), não residia com familiares (89,8%), consumia bebida alcoólica (73,5%), omitia alguma refeição principal (57,3%) e rejeitava um ou mais alimentos do grupo das hortaliças (79,5%). Cerca de 57,0% não realizavam atividade física e 7,0% fumavam. Em torno de 72,0% e 25,0%, respectivamente, consumiam hortaliça e fruta cinco ou mais vezes na semana. Os eutróficos predominavam, mas 58,7% destes apresentavam %GC elevado. Concluiu-se que considerável parcela dos indivíduos estudados residia sem os familiares e apresentava, além de inadequação da composição corporal e do comportamento alimentar, outros fatores de risco à saúde, como o consumo de álcool e a inatividade física. (VIEIRA et al, 2002, p. 273).

Como você pode perceber no exemplo, o método estatístico foi utilizado para traçar o perfil sócio-demográfico de estudantes, relacionando algumas atitudes comportamentais - alimentação inadequada, consumo de álcool, tabagismo, inatividade física - como fatores de risco à saúde.

O **método monográfico** consiste no estudo minucioso e contextualizado de determinados sujeitos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações.

O resumo, a seguir, apresenta um estudo monográfico que se caracteriza por ser um estudo exaustivo e profundo sobre a atuação do Juizado Especial Cível de São Carlos, no Rio de Janeiro. A pesquisa faz um levantamento da natureza dos processos, entrevista usuários, juízes, advogados, cartorários e observação das audiências.

Este estudo tem como objetivo a análise da tensão entre duas pautas distintas de justiça contemporânea: a justiça formal (de decisão) e a justiça informal (de mediação). Para compreender as consequências do processo de ‘dupla institucionalização’ tanto

para a imagem da justiça perante seus usuários quanto para os profissionais com ela envolvidos, elegeu-se como unidade de estudo o Juizado Especial de Pequenas Causas de São Carlos. O problema sociológico analisado na pesquisa busca compreender como os profissionais formados e socializados dentro de uma lógica formal (de decisão) podem atuar dentro de outra lógica informal (de mediação). Outras questões sob investigação são as consequências desses procedimentos para o acesso à justiça, para a imagem que os usuários desse Juizado informal fazem deste modelo e para o campo profissional em si, através das relações entre juízes, advogados e conciliadores, com o empenho destes últimos em constituir uma carreira institucional para o grupo. O estudo se baseia em diferentes tipos de dados e de técnicas utilizadas para sua coleta: 1) levantamento do número de processos deste Juizado, estabelecendo o perfil ocupacional das partes, a natureza dos litígios, o resultado final dos processos, o tempo de duração e a representação ou não de advogados; 2) entrevistas em profundidade realizadas com juízes, conciliadores, cartorários e alguns usuários selecionados; e 3) observação das audiências tanto no Juizado informal quanto na justiça formal. (FAISTING, 1999, p. 43-59).

O método etnográfico refere-se ao confronto contínuo da teoria com a prática, exigindo que o pesquisador entre em contato direto e prolongado com o seu objeto de estudo. Por isso, nesse método, é predominante a prática da observação do participante.

Heerdt e Leonel (2006, p. 54) “afirmam que o método etnográfico estuda a forma de ser de um povo, uma etnia etc. Faz-se uma descrição e análise de sua língua, raça, religião, cultura.”

A pesquisa representada no resumo a seguir apresenta um bom exemplo de estudo etnográfico.

Este estudo teve como objetivos compreender a percepção que mães de uma comunidade de baixa renda da cidade de São Paulo têm sobre o significado do seu papel na estrutura familiar, em relação ao cuidado dos filhos e as estratégias utilizadas para desempenhar esse cuidado. A análise etnográfica nos possibilitou reconhecer 6 domínios culturais e resultados reveladores de que a mãe ocupa lugar central na família e é responsável pela educação, criação e socialização dos filhos. A adaptação do seu papel caracteriza-se pelo atendimento às necessidades de sobrevivência dos filhos, entretanto com o crescimento das crianças, demonstra insegurança frente a isso. (MARTIN; ANGELO, 1999, p. 89).

O **método histórico** consiste na investigação dos acontecimentos, processos e instituições do passado a fim de verificar sua influência na sociedade atual. Observe o seguinte exemplo:

A fotografia vem sendo amplamente utilizada na pesquisa em Psicologia, em diferentes áreas, para investigação das mais diversas questões. Contudo, este recurso ainda é pouco utilizado no Brasil. O objetivo deste trabalho é realizar, com base na literatura científica, um **levantamento histórico-metodológico** do uso da fotografia na ciência psicológica. Foram identificadas quatro funções principais da fotografia nos diferentes métodos adotados: registro, modelo, *feedback* e autofotografia. Em cada uma destas funções, são apresentados diversos estudos realizados, destacando suas vantagens e desvantagens. Paralelamente, procurou-se levantar os temas abordados nas variadas áreas da Psicologia, através do recurso fotográfico. Por fim, enfatizou-se a descrição do método autofotográfico, no qual são destacadas especificidades e possíveis contribuições obtidas pela sua utilização. (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002, *grifo nosso*).

Os métodos de procedimento não se excluem mutuamente. Isto significa dizer que em uma pesquisa pode-se utilizar mais de um método ao mesmo tempo.

Seção 3

Técnicas de pesquisa

Na definição de método, você percebeu a comparação que foi feita entre o pesquisador e o alpinista. Por analogia (raciocínio por comparação), enquanto o alpinista estuda as estratégias para escalar a montanha, o pesquisador estuda as estratégias para estudar o problema de pesquisa. Para estabelecer os caminhos da investigação, o pesquisador precisa determinar as técnicas de pesquisa.



E o que são técnicas? Qual a sua relação com o método?

Para Galliano (1986, p. 6), “método é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”.

A técnica, diferentemente do método, tem uma preocupação instrumental, pois está diretamente relacionada à fase da recolha de dados e informações no processo de pesquisa. Galliano (1986, p. 6) afirma que a “técnica é o modo de

fazer de forma mais hábil, mais segura, mais perfeita algum tipo de atividade, arte ou ofício”.

Portanto, a técnica faz parte do método. O método diz respeito ao **conjunto** das etapas, dos procedimentos, das regras e das técnicas que se adotam na pesquisa. A técnica, **especificamente**, diz respeito ao modo de fazer de cada etapa ou procedimento.

Por exemplo, numa pesquisa com documentos - pesquisa documental - jamais você poderia adotar a técnica do questionário ou da entrevista. Provavelmente teria que construir um instrumento para colher os dados, até porque, guardá-los na memória seria impossível. O pesquisador, nesse caso, deveria construir um instrumento que lhe permitisse catalogar os documentos. Por outro lado, se você realizar uma pesquisa com pessoas, deverá decidir qual a melhor técnica para colher os dados:

- entrevista;
- questionário; ou
- formulário.

Essas são as técnicas mais frequentemente utilizadas nas pesquisas que envolvem pessoas.

3.1 Entrevista

A entrevista é considerada uma forma de interação social em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informações. (GIL, 2010).

Vejamos alguns tipos de entrevista:

- padronizada ou estruturada: apresenta um roteiro do assunto definido pelo pesquisador que deve ser aplicado da mesma forma a todos os informantes;
- despadronizada ou não estruturada: não exige rigidez de seguir o que está contemplado no roteiro, pois trata-se de uma conversação informal, permitindo explorar mais amplamente alguns aspectos das informações proporcionadas pelo entrevistado, por meio de um processo de interação com o pesquisador.

3.2 Questionário

O questionário é composto por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações sobre determinado assunto. (GIL,

2010). “Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas.” (GIL, 2010, p. 122).

Gil (2010) apresenta as formas de questões que podem ser contempladas em um questionário:

- questões abertas: solicita-se aos respondentes a sua opinião sobre o que está sendo contemplado na pergunta;
- questões fechadas: o respondente deve escolher uma alternativa entre as apresentadas; e
- questões de múltipla escolha: são perguntas fechadas com uma série de alternativas em que o respondente pode assinalar mais de uma.

Observe os seguintes exemplos:

Pergunta aberta:

Em sua opinião, quais as vantagens da prática de exercícios?

Pergunta fechada:

Você pratica exercícios físicos?

- () Não.
- () Uma ou duas vezes por semana.
- () Três vezes por semana.
- () Quatro vezes por semana.
- () Todos os dias.

Pergunta de múltipla escolha:

Assinale as opções que o levaram a praticar exercícios físicos:

- () Orientação médica.
- () Vida muito sedentária.
- () Prevenção de doenças.
- () Outros. Qual? _____.

De acordo com Rauen (2002), as perguntas não devem sugerir ou induzir as respostas, nem ser redigidas nas formas afirmativas ou negativas, que levem à concordância, inclusive pela lei do menor esforço. Por isso, a linguagem empregada deve ser a mais clara possível, com vocabulário adequado ao nível da escolaridade dos informantes, devendo focar apenas uma questão para ser analisada pelo informante.

Em relação ao conteúdo de uma pergunta, pode-se indagar o seguinte: os aspectos a que se referem às perguntas são realmente importantes e pertinentes aos objetivos traçados na pesquisa? Assim, quando se elaborar um questionário, devem ser observados fundamentalmente os objetivos específicos que se pretende alcançar com a pesquisa, como também, o universo a ser investigado.

Quando da elaboração das perguntas de um questionário, é indispensável levar em conta que o informante não poderá contar com explicações adicionais do pesquisador. Por esse motivo, as perguntas devem ser muito claras e objetivas.

3.3 Formulário

O formulário pode ser definido como uma técnica de pesquisa em que o pesquisador formula as questões e registra as respostas. É uma das técnicas mais utilizadas nas pesquisas de opinião pública e de mercado. Um bom exemplo de aplicação do formulário é a anamnese.



O que é anamnese?

Quando vamos ao médico, a parte inicial da consulta é constituída por um conjunto de perguntas. As respostas dessas perguntas são cuidadosamente registradas pelo profissional que nos atende. Com esse procedimento, é possível conhecer as nossas intenções da consulta e iniciar o processo de diagnóstico da doença.

Outro exemplo de aplicação de formulário é o censo do IBGE. Os recenseadores vão às residências e preenchem as respostas, a partir das informações que foram fornecidas pelas pessoas entrevistadas. (RAUEN, 2006).

Observe que é muito fácil perceber a principal diferença entre questionário, entrevista e formulário. No questionário, o sujeito pesquisado apresenta suas respostas por escrito, ou seja, o informante escreve. Na entrevista, o sujeito pesquisado apresenta suas respostas verbalmente, ou seja, o informante fala. No formulário, o informante fala e o pesquisador escreve.

Capítulo 2

Pesquisa

Habilidades

O estudo deste capítulo possibilitará a compreensão do conceito de pesquisa e sua classificação, permitindo identificar as diferenças entre os vários tipos de pesquisa e os tipos de abordagem.

Seções de estudo

Seção 1: Profundidade ou objetivos de estudo

Seção 2: Abordagem

Seção 3: Procedimentos para coleta de dados

Seção 1

Profundidade ou objetivos de estudo

Para Marconi e Lakatos (2009, 157) “a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” Portanto, pesquisa é um processo de investigação que se interessa em descobrir as relações existentes entre os aspectos que envolvem os fatos, fenômenos, situações ou coisas. Para que a pesquisa seja definida como científica, é necessário que se desenvolva de maneira organizada e sistemática, seguindo um planejamento previamente estabelecido pelo pesquisador.

É no planejamento da pesquisa que se determina o caminho a ser percorrido na investigação do objeto de estudo. Rudio (1999, p. 9) afirma que “a pesquisa científica se distingue de qualquer outra modalidade de pesquisa pelo método, pelas técnicas, por estar voltada para a realidade empírica, e pela forma de comunicar o conhecimento obtido.”

Toda pesquisa nasce do desejo de encontrar respostas para uma questão, proporcionando a quem pesquisa a aquisição de um novo conhecimento, uma vez que o problema (da pesquisa) está articulado a conhecimentos anteriores, construídos por outros estudiosos.

A classificação dos tipos de pesquisa só é possível mediante o estabelecimento de um critério. Se for classificada de acordo com o nível de profundidade do estudo ou objetivos, teremos três grandes grupos: pesquisa exploratória, pesquisa descritiva e pesquisa explicativa.

Se classificarmos as pesquisas levando em conta a abordagem, teremos dois grupos: quantitativa e qualitativa.

Fontes de papel

Pesquisa bibliográfica e documental.

Dados fornecidos por pessoas

Experimental, estudo de caso controle, levantamento, estudo de caso, estudo de campo, pesquisa-ação e pesquisa participante.

Levando em conta os procedimentos utilizados para coleta de dados, serão dois grandes grupos. No primeiro, as pesquisas que se valem de **fontes de papel** e, no segundo, de fontes de **dados fornecidos por pessoas**. (GIL, 2002). Mais adiante, conheceremos um pouco mais de cada uma delas.

A seguir, a classificação quanto ao nível de profundidade ou objetivos de estudo.

1.1 Pesquisa exploratória

O principal objetivo da pesquisa exploratória é proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo. Muitas vezes, o pesquisador não dispõe de conhecimento suficiente para formular adequadamente um problema ou elaborar de forma mais precisa uma hipótese. Nesse caso, é necessário “desencadear um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que se quer estudar.” (KÖCHE, 1997, p. 126).

Os problemas de pesquisa exploratória geralmente não apresentam relações entre variáveis. O pesquisador apenas constata e estuda a frequência de uma variável. O planejamento da pesquisa exploratória é bastante flexível e pode assumir caráter de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, estudos de caso, levantamentos etc.

Alguns instrumentos utilizados para a coleta de dados neste tipo de pesquisa podem ser formulários, questionários, entrevistas e fichas, quando houver necessidade de registro de avaliações clínicas.

Vejamos um exemplo do resumo de uma pesquisa exploratória:

Desde o surgimento da Tecnologia da Informação (TI), nem sempre houve consenso quanto à relação entre seu custo e benefício. Por isto, esta é uma questão que tem sido objeto de estudo no meio acadêmico e empresarial. Resultados de pesquisas apontam para duas vertentes opostas: de um lado, a idéia de que a TI é a solução estratégica para processos e serviços organizacionais; por outro lado, acredita-se que a TI é apenas uma ferramenta e não tem mais valor estratégico. Além desta dualidade, existe o desafio de justificar os altos investimentos em TI, visto que as empresas, diante da dinâmica competitiva, não podem focar em esforços não produtivos. O presente trabalho tem como objetivo lançar luz sobre a questão e descrever alguns aspectos que levam a tal dúvida. Para tal, realizou uma pesquisa bibliográfica em livros, teses, periódicos científicos e revistas técnicas. Inicialmente, apresentam-se alguns conceitos de gestão da TI. Em seguida, são discutidos assuntos sobre a análise do valor da TI, paradoxo da produtividade e como e quando a TI se comporta como commodity. Ao final, são apresentadas as limitações desta reflexão teórica e as considerações sobre a difícil aplicabilidade prática de medidas de produtividade e valor da tecnologia da informação. (FERREIRA; RAMOS, 2004, p. 27).

Nesse estudo, procurou-se conhecer a frequência de apenas uma variável. No caso, o consenso sobre a relação entre custo e benefício da TI. Certamente, se os pesquisadores já possuísem um conhecimento prévio dessa realidade, não

precisariam fazer o estudo. Assim, pode-se entender que a pesquisa exploratória só se justifica quando os pesquisadores desconhecem a realidade que querem investigar.



Por exemplo, um pesquisador que atua como agente prisional não teria necessidade de fazer um estudo exploratório para conhecer as condições de vida do preso no cárcere, pois esse conhecimento seria pré-existente.

No resumo citado, pode-se perceber que não houve uma preocupação em fazer um estudo de correlação entre variáveis que possam estar contempladas no custo e benefício, ou seja, valores e fatores ligados a estes dois aspectos. O trabalho teve como objetivo lançar luz sobre a questão e descrever alguns aspectos que levam a tal dúvida. Portanto, não são apontadas variáveis.

O estudo da correlação entre variáveis é característica da pesquisa descritiva, que veremos a seguir.

1.2 Pesquisa descritiva

Este tipo de pesquisa analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los. “As pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis.” (GIL, 2002, p. 42)

Vejamos um exemplo do resumo de uma pesquisa descritiva:

A autoavaliação da saúde é um indicador subjetivo que combina componentes físicos, emocionais e do bem-estar individual e vem adquirindo papel importante na área da Saúde Pública, sendo utilizado na avaliação do estado de saúde da população geral. Este trabalho objetivou estudar os cuidados assistenciais e o estado de saúde bucal, incluindo a autoavaliação, utilizando dados de 1.871 indivíduos, com 18 anos ou mais de idade, entrevistados na Pesquisa Mundial de Saúde - Atenção Básica, realizada em quatro municípios do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, no ano de 2005. Foram utilizados modelos de regressão logística binária para identificar os determinantes da autoavaliação de saúde bucal “excelente” ou “boa”. Para ambos os sexos, as variáveis significativamente associadas à autoavaliação da saúde bucal foram: renda domiciliar per capita, frequência de visita odontológica e perda de dentes e uso de prótese. Os resultados evidenciam um gradiente socioeconômico na percepção subjetiva, uma precária saúde bucal entre os idosos e a importância da visita odontológica regular para manutenção da saúde bucal. (MENDONÇA; SZWARCOWALD; DAMACENA, 2012).

Observa-se, no resumo, que a saúde bucal está significativamente associada à renda domiciliar per capita, frequência de visita odontológica, perda de dentes e uso de prótese. Portanto, estas associações são consideradas variáveis dependentes, sendo a saúde bucal a variável independente.

A pesquisa descritiva pode ser feita por meio de documentos, estudo de campo, levantamentos, desde que seja estudada a correlação de, no mínimo, duas variáveis.

As principais técnicas (instrumentos) de coleta de dados geralmente utilizadas na pesquisa descritiva são formulários, entrevistas, questionários, fichas de registro para observação e coleta de dados em documentos.

1.3 Pesquisa explicativa

A pesquisa explicativa tem como preocupação fundamental identificar fatores que contribuem ou agem como causa para a ocorrência de determinados fenômenos. É o tipo de pesquisa que explica as razões ou os porquês das coisas.

Assim, “os cientistas não se limitam a descrever detalhadamente os fatos, tratam de encontrar as suas causas, suas relações internas e suas relações com outros fatos. Seu objetivo é oferecer respostas às indagações, aos porquês [...]”. (GALLIANO, 1986, p. 29).

Vejamos o seguinte exemplo do resumo de uma pesquisa explicativa:

A prevalência da obesidade está aumentando a um ritmo alarmante e poucos medicamentos para o tratamento estão atualmente disponíveis no mercado. A inibição da lipase pancreática é um dos mecanismos mais amplamente estudados para determinar a eficácia de produtos naturais como agentes antiobesidade. O objetivo do estudo foi avaliar *in vitro* a inibição de dezenove extratos aquosos e metanólicos sobre a lipase pancreática. Ensaios cinéticos foram realizados em quatro períodos de tempo com ausência e presença do extrato inibidor. Também foi avaliado a ação desses extratos após a simulação do fluido gástrico. *Cymbopogon citratus* apresentou a maior inibição, seguido de *Costus spicatus* e *Baccharis trimera*. Os extratos apresentam um potencial como adjuvante no tratamento da obesidade. (SOUZA et al., 2012).

As pesquisas explicativas, na maioria das investigações do campo das ciências naturais, valem-se quase exclusivamente de experimentos, pois procuram investigar fatores causais ou contribuintes para a ocorrência de certos fenômenos. (GIL, 2012).

Seção 2

Abordagem

2.1 Abordagem quantitativa

A abordagem quantitativa está mais orientada para a generalização, relacionada com o aspecto da objetividade passível de ser mensurável, permitindo uma ideia de racionalidade, como sinônimo de quantificação. Em outras palavras, esse tipo de abordagem se define pelo rigor, precisão e objetividade. (BICUDO, 2004).

Por isso, nessa abordagem é necessário utilizar sempre o recurso das representações gráficas, principalmente na forma de tabelas, quadros e gráficos, a partir da aplicação de instrumentos como questionários, por exemplo, que contenham questões fechadas, a fim de facilitar a análise e interpretação dos dados.

As variáveis na pesquisa quantitativa são analisadas com base nos recursos da Estatística: porcentagem, moda, média, mediana, desvio-padrão, regressão logística, análise univariada, bivariada, multivariada, teste t de *student*, teste z, teste qui quadrado, são algumas das linguagens adotadas pelo pesquisador quantitativista.

Vejamos, no resumo a seguir, as características de uma pesquisa quantitativa.

O objetivo desta pesquisa foi avaliar o uso de drogas que causam dependência entre os estudantes da Universidade de Camerino, Italia, e verificar os aspectos relacionados ao uso de substâncias psicoativas nesta população. **MÉTODOS:** A pesquisa foi realizada por meio de um questionário anônimo composto por 345 participantes selecionados aleatoriamente entre os alunos da universidade. O questionário tem sido utilizado, para esse tipo de estudo na República Tcheca, desde 2002. O teste qui-quadrado foi utilizado para a avaliação estatística dos fatores, conforme o uso da substância. **RESULTADOS:** A maioria dos alunos entrevistados teve alguma experiência com substâncias legais que causam dependência: 28,0% dos participantes fumam cigarros regularmente e 23,2% dos entrevistados admitiram consumo regular de álcool. Além disso, 50,4% dos indivíduos já experimentaram uma droga ilícita; a substância mais experimentada foi cannabis (46,7%), seguida da cocaína (13,3%). Dos estudantes que experimentaram drogas, 19% admitiram o uso da substância no último mês (cannabis 87,5%). **CONCLUSÃO:** Nossos resultados confirmam o aumento experimental do uso de drogas cannabis entre os jovens na Europa e revelam um longo tempo de uso de drogas, principalmente de cocaína, entre os estudantes universitários. (KRAČMAROVA et al, 2011).

A pesquisa quantitativa analisa objetivamente os fenômenos utilizando a contribuição da matemática. Implica na construção de instrumentos que quantificam, abrangendo pessoas ou aspectos, de acordo com o objeto de investigação e os objetivos da pesquisa. (MOTTA, 2009).

2.2 Abordagem qualitativa

A pesquisa qualitativa, conforme Minayo (1996, p. 21),

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O principal objetivo da pesquisa qualitativa é o de conhecer as percepções dos sujeitos pesquisados acerca da situação-problema, objeto da investigação. A pesquisa qualitativa requer do pesquisador uma atenção sobre as pessoas envolvidas na pesquisa, em relação às suas ideias e concepções.

Vejam o seguinte resumo que caracteriza uma pesquisa qualitativa.

Neste estudo, procurou-se conhecer a representação social da Aids construída pelos cirurgiões- dentistas da cidade do Natal. O foco de análise foi dirigido para 100 cirurgiões-dentistas, tomando como base a teoria das representações sociais. Foi aplicado um questionário, realizadas entrevistas semi-estruturadas e desenvolvida a técnica da observação de cunho etnográfico. As conclusões indicam que os cirurgiões-dentistas se apresentam informados sobre as formas de contaminação e os meios de prevenção de riscos; entretanto, demonstram um conhecimento incompleto, fragmentado e amparado por uma visão tradicional e superada de biossegurança, o que dificulta o desenvolvimento de estratégias de superação das práticas tradicionais. Uma mistura de medo, ameaças, ambivalências vai se introjetando nas representações sociais desse fenômeno. Esse mecanismo dificulta a estruturação de condutas ou ações preventivas. Assim, faz-se necessário desenvolver diferentes estratégias visando ressignificar o fenômeno e, ao mesmo tempo, levar em conta todo o conjunto de elaborações mentais, emoções, teorias práticas e explicativas do cotidiano, que se introduzem na constituição da representação social em questão e agem concretamente influenciando as escolhas e alternativas elaboradas por esses sujeitos diante do risco de contaminação e transmissão da Aids. (RODRIGUES; DOMINGOS SOBRINHO; SILVA, 2005).

A pesquisa qualitativa analisa as percepções dos sujeitos, “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]” (MINAYO, 1996, p. 21-22). Neste sentido, os pesquisadores fazem suas análises categorizando as expressões coletadas, utilizando instrumentos de coleta de dados, por meio de questionários com questões abertas e/ou entrevistas.

Confira as características da pesquisa quantitativa e qualitativa apresentadas no seguinte quadro:

Quadro 2.1 – Características das pesquisas qualitativa e quantitativa

Abordagem quantitativa	Abordagem qualitativa
Analisa números	Analisa palavras
Análise dedutiva	Análise indutiva
Análise objetiva	Análise subjetiva
O pesquisador distancia-se do processo	O pesquisador envolve-se com o processo
Testa hipótese e mensura variáveis	Gera ideias e categorias para a pesquisa

Fonte: Leonel; Motta (2011, p. 110).

Neste quadro, você pode comparar as principais características de uma e de outra pesquisa. Enquanto a pesquisa quantitativa analisa números, a pesquisa qualitativa analisa palavras e percepções. Na pesquisa quantitativa, a análise é dedutiva, porque trabalha com totalidades, com um universo populacional ou com um subconjunto representativo da população (amostra), a pesquisa qualitativa analisa as percepções de poucos sujeitos envolvidos no processo sem a preocupação com a totalidade dos sujeitos envolvidos naquela situação ou realidade pesquisada.



As pesquisas quantitativas e qualitativas não são mutuamente excludentes. Muitos trabalhos podem ter as duas abordagens simultâneas, configurando uma pesquisa qualiquantitativa ou quantiqualitativa.

Uma abordagem qualitativa ou quantitativa será necessária de acordo com a exigência do problema proposto na pesquisa, pois “quando se determina um problema, é em função dele que o pesquisador escolhe o procedimento mais adequado, seja quantitativo, qualitativo ou misto. Em suma, o problema dita o método e não o inverso”. (RAUEN, 2002, p. 191).

Seção 3

Procedimentos para coleta de dados

Considerando o tipo de procedimento utilizado para a coleta de dados, a pesquisa pode ser classificada em:

- bibliográfica;
- documental;
- experimental;
- estudo de caso controle;
- levantamento;
- estudo de caso;
- estudo de campo;
- pesquisa-ação; e
- pesquisa participante.

Mas, como cada uma dessas pesquisas se configura? Quais suas principais características?

Vejam um pouco mais a respeito desses tipos de pesquisas.

3.1 Pesquisa bibliográfica

É aquela que se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, meios eletrônicos, entre outros. A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para o conhecimento e análise das principais contribuições teóricas sobre um determinado tema ou assunto.

Köche (1997, p. 122) afirma que a pesquisa bibliográfica pode ser realizada com diferentes fins:

- a) para ampliar o grau de conhecimento em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa;
- b) para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de hipóteses;
- c) para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema.

A pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida em diferentes etapas. Gil (2002, p. 60) afirma que “qualquer tentativa de apresentar um modelo para o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica deverá ser entendida como arbitrária. Tanto é que os modelos apresentados pelos diversos autores diferem significativamente entre si.”

A seguir, veremos um roteiro de pesquisa bibliográfica. Este não deve ser entendido como um modelo rigoroso e inflexível, mas pode contribuir no momento de planejar uma pesquisa. Conheça, então, as etapas da pesquisa bibliográfica que podem ser utilizadas em outros tipos de pesquisas:

- Escolha do tema;
- delimitação do tema e formulação do problema;
- elaboração do plano de desenvolvimento da pesquisa;
- identificação, localização das fontes e obtenção do material;
- leitura do material;
- tomada de apontamentos; e
- redação do trabalho.

Vejamos mais detalhes sobre os elementos que compõem cada uma dessas etapas:

3.1.1 Escolha do tema

A escolha do tema deve considerar os seguintes fatores:

- interesse pelo assunto;
- existência de bibliografia especializada; e
- familiaridade com o assunto.

O interesse pelo assunto pode motivar a superação dos obstáculos que são inerentes ao processo de pesquisa. Sem interesse, corre-se o risco de, na primeira dificuldade ou percalço, abandono da investigação. De acordo com Gil (2002, p. 60). “[...] pesquisar a respeito de um assunto pelo qual se tenha pouco ou nenhum interesse pode tornar-se uma tarefa altamente frustrante.” É importante observar, entre as diversas áreas de conhecimento, aquelas que despertam o interesse e a curiosidade para a pesquisa.

A existência de bibliografia especializada pode ser constatada pela realização de um levantamento bibliográfico preliminar, que pode auxiliar na identificação de documentos importantes a serem lidos e analisados no decorrer da pesquisa.

Não se recomenda, para iniciantes em pesquisa, a realização de pesquisa bibliográfica sobre temas em que as publicações sejam muito escassas. Neste caso, é conveniente que se mude o tema.

Para Salomon (1994, p. 196), “a escolha do assunto exige frequentemente orientação de caráter pessoal (análise das próprias possibilidades e limitações) [...]”. De acordo com Köche (1997, p. 128), “O pesquisador deve propor temas que estejam ao alcance da sua capacidade ou de seu nível de conhecimento.” Aconselha-se, portanto, a escolha de um tema dentro da área a qual se domina, compatibilizando familiaridade com o assunto e existência de bibliografia especializada.

3.1.2 Delimitação do tema e formulação do problema

Depois da escolha do tema, o próximo passo é delimitação e problematização do mesmo. Delimitar significa indicar a abrangência do estudo, estabelecer a extensão e compreensão do assunto. Na disciplina de lógica aprende-se que “quanto maior a extensão de um conceito [extensão do tema ou assunto], menor a sua compreensão. E, inversamente, quanto menor a extensão, maior a compreensão do conceito.” (COTRIM, 1990, p. 28).

Temas amplos dificultam a análise aprofundada e podem fazer com que o pesquisador se perca ou se embarace no emaranhado das proposições relacionadas ao assunto. Na área do Direito, por exemplo, seria impossível realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema geral “direito de família”, pois seriam muitos os aspectos relacionados a esse assunto que deveriam ser pesquisados. Por isso, o tema deveria ser delimitado a uma dimensão viável e exequível. Poderíamos pesquisar apenas um dos aspectos relacionado a este tema: “a mediação na divisão de bens”, por exemplo.

Delimitado o tema, procede-se à sua problematização. Não há consenso na literatura de metodologia científica e da pesquisa sobre a forma como se deve apresentar a problematização de um tema de pesquisa. De qualquer forma, o tema problematizado indica a especificidade do objeto e marca, propriamente, o início da investigação.

Toda investigação começa com um problema. Uma lógica da investigação tem que tomar em consideração esse fato. A ciência progride porque o homem de ciência, insatisfeito, lança-se a procura de novas verdades. Assim empenhado, o pesquisador primeiro suscita e propõe questões num determinado território do saber; depois elabora um projeto ou um plano de trabalho destinado a dar resposta a seu problema [...]. (LARROYO apud SALOMON, 1994, p. 197).

A tarefa de formular um problema de pesquisa exige certo cuidado. Gil (2002, p. 26), aponta 5 regras para a sua adequada formulação: “O problema deve ser formulado como pergunta, claro e preciso, empírico, suscetível de solução e delimitado a uma dimensão viável.”

3.1.3 Elaboração do plano de desenvolvimento da pesquisa

Elaborar o plano significa apresentar a estrutura lógica das partes que compõem o assunto. São apresentados os desdobramentos temáticos vinculados entre si e naturalmente integrados ao tema central. O plano de desenvolvimento é apresentado na forma de divisões e subdivisões formando aquilo que se considera um sumário provisório da pesquisa.

A construção do plano supõe a capacidade de distinguir o fundamental do acessório, a ideia principal da secundária, o mais importante do menos importante, além de requerer a inteligência necessária para distribuir equitativamente as partes desproporcionais, de sorte que o todo resulte equilibrado e proporcionado, fazendo salientar o fundamental e o essencial. (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 97).

O exemplo a seguir foi adaptado de um trabalho elaborado pelos alunos da 1ª fase do Curso de Medicina da Unisul (SOUZA et al., 2004, p. 116) que tem como título “O Programa Saúde da Família na visão dos membros da equipe e dos usuários de dois postos de saúde do Município de Araranguá, SC”. Observe como as partes estão harmoniosamente distribuídas e vinculadas ao tema central:

1 SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO

1.1 Período de 1900 a 1960

1.2 Período de 1960 a 1988

1.3 De 1988 aos dias de hoje

2 SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

2.1 Implementação do SUS

2.2 Os objetivos do SUS

2.3 O SUS e as condições de saúde da população brasileira

3 O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA

3.1 A criação do Programa

3.2 O funcionamento do Programa

3.2.1 Princípios básicos

3.2.2 Atribuições dos membros das equipes

3.2.3 A implantação do Programa

3.2.4 A percepção do programa na visão dos membros da equipe

3.2.5 A percepção do programa na visão dos usuários

O plano de assunto é provisório. No decorrer da pesquisa outros itens considerados importantes poderão ser acrescentados. Isto decorre naturalmente do amadurecimento intelectual que se tem sobre o tema. Assim como alguns itens são acrescentados, outros poderão ser retirados. O plano de assunto só deixa de ser plano no momento em que se transforma em sumário do trabalho.

3.1.4 Identificação, localização das fontes e obtenção do material

Com o plano de assunto em mãos, o próximo passo consiste em localizar as fontes que poderão fornecer respostas adequadas ao que se propõe pesquisar. Nunca é demais consultar uma pessoa especializada no assunto para sugerir referências que possam ser pesquisadas.

Vejam, a seguir, algumas fontes de pesquisa:

- livros;
- obras de referência (Dicionários da língua portuguesa ou especializados, enciclopédias gerais ou especializadas);
- manuais;
- periódicos científicos disponíveis em formato impresso e pelas bases de dados on-line;
- sites especializados;
- teses e dissertações;
- anais;
- periódicos de indexação; e
- resumos.

As fontes de pesquisa podem ser localizadas em bibliotecas e em base de dados.

3.1.5 Leitura do material

Obtido o material para a pesquisa, o próximo passo é a sua leitura que, para fins de realização da pesquisa bibliográfica, tem os seguintes objetivos:

- a) identificar as informações e os dados constantes do material impresso;
- b) estabelecer relações entre as informações e os dados obtidos com o problema proposto;
- c) analisar a consistência das informações e os dados apresentados pelos autores. (GIL 2002, p. 77).

3.1.6 Tomada de apontamentos

Esta etapa da pesquisa bibliográfica supõe que se faça o registro das informações provenientes da leitura. Isto é necessário porque, pelas nossas limitações, não conseguimos armazenar na memória tudo aquilo que lemos. “Trata-se de tomar nota de todos os elementos que serão utilizados na elaboração do trabalho científico. [...] Esses apontamentos servem de matéria-prima para o trabalho e funcionam como um primeiro estágio de rascunho.” (SEVERINO, 2000, p. 80).

Os apontamentos podem ser feitos em fichas de leitura ou diretamente no computador obedecendo à seguinte estrutura:

- a. cabeçalho;
- b. referência; e
- c. texto.

No **cabeçalho**, deve-se indicar o título; na **referência** indicam-se os elementos de identificação da obra e, no **texto**, o registro das informações provenientes da leitura, ou seja, esquematização de ideias, resumo, comentário, apreciação crítica etc.

3.1.7 Redação do trabalho

A redação é a última etapa da pesquisa bibliográfica. De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002), deverão ser considerados os seguintes elementos:

- a. pré-textuais;
- b. textuais; e
- c. pós-textuais.

Os elementos **pré-textuais** são apresentados antes da introdução e, no seu conjunto, ajudam na identificação e utilização do trabalho. Os elementos **textuais** compõem a estrutura do trabalho, formando três partes logicamente relacionadas:

- introdução;
- desenvolvimento; e
- conclusão.

Os elementos **pós-textuais** apresentam informações que complementam o trabalho.

3.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental assemelha-se muito com a pesquisa bibliográfica. Ambas adotam o mesmo procedimento na coleta de dados. A diferença está, essencialmente, no tipo de fonte que cada uma utiliza. Enquanto a pesquisa documental utiliza fontes primárias, a bibliográfica utiliza fontes secundárias. As etapas utilizadas para a realização de uma pesquisa documental seguem as mesmas da bibliográfica:

- Escolha do tema;
- formulação do problema;
- identificação, localização das fontes e obtenção do material;
- tratamento dos dados coletados;
- tomada de apontamentos; e
- redação do trabalho.

A pesquisa documental pode apresentar algumas vantagens e limitações. Gil (2002) aponta as seguintes vantagens. Os documentos consistem em fonte rica e estável de dados. O custo é baixo. Não exige contato com os sujeitos da pesquisa. Mas uma das limitações apontadas pelo autor são as críticas mais frequentes, que se referem à subjetividade no conteúdo registrado e a não representatividade.

Muitos documentos podem ser forjados para favorecer os interesses de alguns grupos sociais, como um meio de domínio sobre as opiniões das massas. Daí a necessidade do investigador utilizar o recurso da crítica interna e externa para avaliar a autenticidade e veracidade dos documentos.

A **crítica externa** se faz sobre os aspectos externos do documento, o seu significado e valor histórico, a fim de julgar sua autenticidade e proveniência, enquanto a **crítica interna**, que aprecia o sentido e o valor do conteúdo, processa-se sobre o testemunho e o conteúdo, para julgar sua veracidade. É nesse último tipo de crítica que se insere a hermenêutica ou crítica de interpretação.

No entanto, as limitações apontadas não devem se constituir em razões para a não realização desse tipo de pesquisa, pois há uma riqueza documental a ser explorada que está “adormecida” e, por isso, quase nunca é levada em consideração pelos pesquisadores, requerendo por parte destes uma criatividade especial. Afinal, os documentos constituem fonte rica e estável de dados, além de subsistirem ao longo do tempo, tornando-se informações imprescindíveis nas pesquisas de natureza histórica, apesar das críticas aos aspectos da não representatividade e da subjetividade desses.

Leia, com atenção, o resumo da pesquisa realizada por Petry e outros (2002) e identifique elementos que caracterizam uma pesquisa qualitativa:

No presente artigo, busca-se analisar as diferentes interfaces do processo de adoção. Esta é vista hoje como um dos recursos para proteger a criança privada da convivência familiar, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, referindo que toda criança tem o direito de ser criada no seio de uma família. Os dados mencionados são resultados de uma pesquisa efetivada no ano 2001 pelo Programa da Infância e Juventude, parceria entre o Juizado Regional da Infância e Juventude/Comarca de Santa Cruz do Sul e a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). O objetivo desse estudo foi conhecer o perfil dos adotantes habilitados pelo Juizado da região. A investigação foi realizada a partir de laudos periciais dos últimos cinco anos, totalizando quarenta e cinco adoções nacionais.

Conforme resumo apresentado, a investigação foi realizada a partir de laudos periciais dos últimos cinco anos colhidos na Comarca de Santa Cruz do Sul (RS). Esses documentos podem ser considerados fontes primárias, típicos da pesquisa documental.

3.3 Pesquisa experimental

A pesquisa experimental, segundo Rudio (1999, p. 72), “[...] está interessada em verificar a relação de causalidade que se estabelece entre as variáveis, isto é, em saber se a variável X (independente) determina a variável Y (dependente).” Para isso, cria-se uma situação de controle rigoroso neutralizando todas as influências alheias que Y pode sofrer.

O pesquisador quer investigar duas terapias no tratamento da dor das fissuras mamárias durante o período de amamentação em um grupo de mulheres. Primeiro, tomou um conjunto de mulheres em condições idênticas e logo em seguida dividiu-as em dois grupos. O primeiro recebeu o tratamento A e o segundo, embora mantido nas mesmas condições, recebeu o tratamento B. Decorrido determinado período, o pesquisador comparou o grupo que recebeu o tratamento A com o grupo que recebeu o tratamento B. Neste caso, a variável independente é a terapia (A e B), variável que está sendo manipulada; a variável dependente é a dor; e as possíveis variáveis de controle (similaridade entre os grupos) são: idade das pacientes, número de gestações, dor em ambos os lados, amamentação sem restrição etc. A manipulação da variável independente poderia ser caracterizada na forma como as terapias poderiam ser aplicadas.

Para que a pesquisa experimental possa ser desenvolvida, é necessário que se tenha, no mínimo, três elementos:

- manipulação de uma ou mais variáveis;
- controle de variáveis estranhas ao fenômeno observado; e
- composição aleatória dos grupos experimental e controle.

Kerlinger (1980, p. 127) afirma que “[...] as situações experimentais são flexíveis no sentido de que muitos e variados aspectos da teoria podem ser testados [...]”. Nesse sentido, é possível constatar muitas formas de realização da pesquisa experimental – são os casos dos estudos comparativos e dos delineamentos fatoriais, por exemplo.

No estudo comparativo, em tese, o grupo de controle dá lugar a outro grupo experimental. Vieira e Hossne (2002, p. 59) afirmam que “nos estudos comparativos, testam-se dois ou mais tratamentos.”

No delineamento fatorial, o pesquisador trabalha com mais de duas variáveis independentes para observar seus efeitos, de forma associada ou separadamente, sobre a variável dependente.

Os experimentos em que diferentes drogas aparecem em diferentes níveis são conhecidos [...] como **experimento em esquema fatorial**. Nesses experimentos, podem ser observados os efeitos de cada droga, separadamente, e o efeito combinado das duas drogas, por meio de análise estatística. (VIEIRA; HOSSNE, 2002, p. 58, *grifo nosso*).

A operacionalidade da pesquisa experimental, especialmente nas ciências biomédicas, exige o domínio de alguns termos.

Leia, com atenção, o resumo do artigo escrito por Ferreira, Espirandelli e Peloso (1992), intitulado “Etodolac *versus* diclofenaco em traumatismos esportivos agudos” e identifique as três principais características da pesquisa experimental, citadas nesta seção, que são: manipulação de uma ou mais variáveis, controle de variáveis estranhas ao fenômeno observado e composição aleatória dos grupos experimental e controle.

Objetivando comparar a eficácia do etodolac, um novo antiinflamatório não hormonal, com diclofenaco no alívio dos sinais e sintomas de pacientes com traumatismos esportivos agudos ocorridos há menos de 48 horas, realizou-se estudo duplo-cego, randomizado, de grupos paralelos. Um grupo (41 pacientes) recebeu etodolac 200 mg via oral a cada oito

horas por sete dias e outro (41 pacientes) recebeu diclofenaco 50 mg via oral nas mesmas condições. As avaliações clínicas foram realizadas no pré-tratamento e nos 1º, 3º e 7º dias de tratamento, sendo avaliados os seguintes sinais e sintomas: dor em repouso; dor à movimentação ativa e passiva; dor à palpação; edema, rubor e calor local; prejuízo funcional. Os grupos eram homogêneos no pré-tratamento. A análise estatística mostrou melhora de todos os sinais e sintomas nos dois grupos de tratamento. O teste de igualdade de probabilidades evidenciou diferença significativa entre os grupos etodolac e diclofenaco, com maior alívio para o primeiro, com relação a dor à palpação e rubor local no 3º dia de tratamento e nos intervalos pré-3º dia e 1º - 3º dia ($p < 0,05$). Para os demais sintomas, não foi evidenciada nenhuma diferença significativa. A tolerabilidade foi considerada boa para ambas as drogas.

A manipulação de uma variável na pesquisa experimental ocorre quando o pesquisador, conforme o seu interesse ou o interesse da pesquisa, pode aumentar ou diminuir a intensidade de uma variável para observar a modificação que ela produzirá em outra(s). Sempre que se faz uma pesquisa experimental procura-se avaliar a medida que x (variável independente) afeta y (variável dependente). No exemplo citado, a variável manipulada foi o tipo de medicamento (Etodolac e diclofenaco), que representa a variável independente (x) e as variáveis observadas são:

- dor em repouso;
- dor à movimentação ativa e passiva;
- dor à palpação;
- edema, rubor e calor local; e
- prejuízo funcional.

Todas essas variáveis caracterizam a variável dependente (y). O pesquisador quis saber qual o efeito dos medicamentos nas variáveis já mencionadas.

O controle de variáveis estranhas, outra característica da pesquisa experimental, no exemplo citado, foi feito pela homogeneidade entre os grupos que participaram do experimento. Esse controle é importante para que o pesquisador tenha a certeza de que as modificações existentes nas variáveis dependentes ocorreram por causa da manipulação da variável independente. Se o grupo fosse muito heterogêneo e o pesquisador não mantivesse o controle de fatores estranhos ao estudo, os resultados e conclusões estariam confundidos com esses fatores. Na prática, isso quer dizer que os pacientes de ambos os grupos são homogêneos na idade, na distribuição de gênero, no nível de acometimento da patologia e em outras variáveis que garantiram a semelhança entre os grupos.

A terceira característica da pesquisa experimental apresentada e que você pode observar no resumo é a da randomização ou casualização.



O que isso significa?

Que o pesquisador não pode escolher os participantes que comporão o grupo experimental ou controle conforme um critério pessoal. A casualização significa que o indivíduo que faz parte da pesquisa tem a mesma chance de participar tanto de um como de outro grupo.

Estudo ser duplo-cego Nos estudos duplo-cego, nem o pesquisador, nem o participante da pesquisa sabem a que grupo pertencem.

Outra característica presente neste resumo é o fato de o **estudo ser duplo-cego**. Neste caso, o paciente não sabia que tipo de medicamento estava tomando e o médico, quando fez a avaliação, não sabia a qual grupo o paciente pertencia. Os estudos duplo-cego são importantes pois impedem que as expectativas do participante da pesquisa e do pesquisador, de alguma forma, interfiram nos resultados.

3.4 Estudo de caso controle

Nos estudos de caso controle investigam-se os fatos após a sua ocorrência, sem manipulação da variável independente.

Imagine que duas cidades tenham sido colonizadas no mesmo período histórico e que tenham as mesmas características demográficas em termos de número de habitantes e origem etnográfica, a mesma tradição religiosa, o mesmo desenvolvimento econômico (formação agrícola), enfim, semelhanças em muitos aspectos. Porém, em uma delas instala-se uma grande indústria. Nesse caso, o pesquisador poderia se interessar em estudar as mudanças ocorridas decorrentes do processo de industrialização e comparar essas mudanças com a cidade que não recebeu a instalação da indústria.

Semelhança entre as cidades

Demografia, número de habitantes, origem etnográfica, tradição religiosa, formação agrícola etc.

O (não) processo de industrialização seria a variável independente, as consequências geradas pela industrialização seriam a variável dependente e a **semelhança entre as cidades** seria a variável de controle.

Neste tipo de pesquisa, o investigador não pode, conforme o seu desejo, manipular a variável independente, mas deve localizar grupos em que os indivíduos sejam

bastante semelhantes entre si para verificar as consequências naturais que o acréscimo de uma variável poderia produzir em um grupo e compará-las com o outro que se manteve em condições normais.

Nas ciências biomédicas, Vieira e Hossne (2002, p. 112) apresentam a seguinte definição:

No estudo de caso controle, são observados dois grupos de pessoas, um com a doença – os casos – e outro sem a doença – os controles. Calcula-se, então, para cada grupo, a proporção de indivíduos expostos à possível causa da doença e comparam-se os resultados.

Um estudo de caso controle, sintetizado da seguinte maneira por Vieira e Hossne (2002, p. 111):

Para verificar se as doenças periodontais estão associadas ao hábito de fumar, procedeu-se um estudo de caso controle. Foram utilizados dados de um inquérito epidemiológico feito pelo serviço de saúde da Polícia Militar de Minas Gerais, no período de junho a outubro de 1998. Dos militares avaliados nesse inquérito, foram amostrados 95 homens com doença periodontal. Esses militares foram, posteriormente, pareados com 95, sem a doença. Os pares eram do sexo masculino, de mesma faixa etária, e de mesma graduação. Com base nos dados coletados, foi possível concluir que o fumo é um fator de risco para as doenças periodontais.

Neste exemplo você pode observar que o pesquisador separou dois grupos:

- um caso, com a doença periodontal; e
- outro controle, sem a doença periodontal.

Para ficar claro o seu entendimento, doenças periodontais são doenças do tecido em torno dos dentes. O pesquisador fez um estudo pareado de um caso para um controle e, nos dois grupos, calculou o número de fumantes a fim de testar sua hipótese de que o fumo pode representar um fator de risco para as doenças periodontais. Para chegar a essa conclusão, comprovou que o número maior de fumantes foi encontrado no grupo caso, ou seja, no grupo que tem a doença.

3.5 Levantamento

As pesquisas do tipo levantamento procuram analisar, quantitativamente, características de determinada população. Nas Ciências Biomédicas, essa

modalidade de pesquisa também pode ser chamada de estudos de prevalência, estudo transversal ou estudo seccional. Na epidemiologia é comum encontrarmos a expressão inquérito epidemiológico ou estudo de levantamento de doenças.

Para Gil (2002, p. 50), as pesquisas do tipo levantamento

[...] caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados pesquisados.

Os levantamentos podem abranger o universo dos indivíduos que compõem a população; no caso, um censo, ou apenas uma amostra, um subconjunto da população. Os censos geralmente são desenvolvidos por instituições governamentais em decorrência do grande investimento financeiro necessário para a sua realização.

Antes de obter a amostra, é necessário definir exatamente a população de onde essa amostra será retirada, ou seja, é preciso fazer a configuração da população. Para a determinação do tamanho da amostra, devem ser indicados critérios rigorosos que permitam que os resultados obtidos possam ser generalizados para o conjunto dos indivíduos que compõem a população.

De acordo com Gil (2002), as pesquisas por amostragem apresentam vantagens e limitações. Entre as vantagens estão:

- conhecimento direto da realidade;
- economia;
- rapidez e quantificação dos dados.

Entre as limitações:

- possibilidade de não fidedignidade nas respostas;
- pouca profundidade no estudo da estrutura e dos processos sociais; e
- limitada apreensão do processo de mudança.

Os estudos por levantamentos, por serem de natureza descritivo-quantitativa, pouco se aproximam de estudos explicativos; pelo contrário, podem estar muito mais próximos de estudos exploratórios e descritivos. As principais técnicas de coleta de dados utilizadas nos estudos de levantamentos são o questionário, a entrevista e o formulário.

3.6 Estudo de caso

Unidades Por unidade-caso, podemos entender uma pessoa, uma família, uma comunidade, uma empresa, um regime político, uma doença etc.

Estudo de caso pode ser definido com um estudo exaustivo, profundo e extenso de uma ou de poucas **unidades**, empiricamente verificáveis, de maneira que permita seu conhecimento amplo e detalhado.

Nas ciências, durante muito tempo, o estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, que serviria apenas para estudos de maneira exploratória. Hoje, porém, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos. (YIN, 2001 apud GIL, 2002, p. 54).

O estudo de caso, como modalidade de pesquisa, pode ser utilizado tanto nas Ciências Biomédicas como nas Ciências Sociais. Nas Ciências Biomédicas, é utilizado para a investigação das peculiaridades que envolvem determinados casos clínicos e nas Ciências Sociais, para a investigação das particularidades que envolvem a formação de determinados fenômenos sociais.

Para a coleta de dados no estudo de caso geralmente utilizam-se as técnicas da pesquisa qualitativa, sendo a entrevista a principal delas.

Gil (2002) ressalta as principais objeções de alguns pesquisadores ao estudo de caso, afirmando que poderá:

- Haver falta de rigor metodológico;
- haver dificuldades de generalização dos resultados em decorrência da análise de um único ou de poucos casos; e
- demandar muito tempo para serem realizados, sendo seus resultados pouco consistentes.

Todavia, essa posição não está pacificada entre os pesquisadores, pois a experiência acumulada demonstra a realização de estudos de caso, nas diversas ciências, desenvolvidos em períodos curtos com resultados confirmados por outros estudos e com extremo rigor metodológico. Há situações em que somente o estudo de caso pode oferecer, qualitativamente, as condições para a investigação particular e exaustiva do objeto.

Leia, com atenção, o resumo da tese doutoral apresentada por Zolcsak (2002) à Universidade de São Paulo e identifique as características do estudo de caso aqui discutidas.

Para análise da difusão de conhecimentos sobre o meio ambiente na gestão ambiental da indústria esta tese toma em vista três modelos mentais de meio ambiente – o modelo acadêmico, o empresarial e o modelo do senso comum. Após conceituar estas representações mentais de meio ambiente e expor especificidades da proteção ambiental em empresas, apresenta um estudo de caso efetuado na empresa Unilever – Divisão Elida Gibbs, em Vinhedo, São Paulo. Analisa o diálogo entre os modelos empresarial e do senso comum face ao conhecimento ecológico e discute que a educação ambiental, dos trabalhadores de uma empresa e de modo geral, deve se pautar em história natural e se desdobrar em uma educação para o planejamento ambiental visando incrementar a percepção judicativa e a capacidade de participação dos cidadãos na construção do espaço.

Você observou, neste resumo, que o estudo foi realizado em uma organização empresarial. A autora procurou estudar, de forma ampla, exaustiva e profunda, o problema da difusão de conhecimentos sobre o meio ambiente na indústria, tomando como unidade de estudo (unidade-caso) a Divisão Elida Gibbs da empresa Unilever, de Vinhedo, São Paulo.

O estudo de caso pode ser classificado, conforme Bogdan e Biklen (apud RAUEN, 2002, p. 212), nos seguintes tipos:

a) estudos de casos histórico-organizacionais – o investigador se interessa pela vida de uma instituição;

b) estudos de casos observacionais – é a observação participante, em que o objeto de análise são componentes organizacionais;

c) história de vida – consiste na aplicação de entrevistas semi-estruturadas com pessoa de relevo social;

d) estudo de caso comunitário – é realizada por equipe multidisciplinar de investigadores que setorizam a unidade em exame, ressaltando os pontos de culminância, sem perder a visão integral do foco de análise;

e) estudos de casos situacionais – relaciona-se a fenômenos específicos que podem ocorrer numa situação social;

f) estudos de casos microetnográficos – focalizam os aspectos muito específicos de uma realidade maior;

g) estudo comparativo de casos – são comparações entre dois ou mais enfoques específicos. Em geral, esse tipo de pesquisa descreve, explica e compara os fenômenos;

h) multicaseos – estudo de dois ou mais sujeitos, organizações, entre outros.

3.7 Estudo de Campo

O estudo de campo é uma modalidade de pesquisa na qual o pesquisador “acampa” no local da pesquisa, envolvendo-se diretamente com a realidade por meio da observação direta. É muito importante não confundir o estudo de campo com pesquisas de levantamento de dados realizadas em locais abertos ou públicos. O estudo de campo exige, necessariamente, o envolvimento qualitativo do pesquisador no contexto da realidade pesquisada.

Para Heerdt e Leonel (2006, p. 82),

é um tipo de pesquisa que procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

Esse tipo de pesquisa parte sempre da construção de um modelo de realidade, por meio da qual se determina a forma de observação, ou melhor, nela se define o campo da pesquisa, as formas de acesso a esse campo e os participantes (ou sujeitos), para então ser possível determinar os meios de recolha e análise dos dados. (MÁTTAR NETO, 2002).

É comum encontrar uma variedade de pesquisas de campo, de finalidade interventiva ou descritiva, utilizando-se, principalmente, das técnicas da entrevista ou da observação direta, observação participante, pesquisa-ação, aplicação de questionários, testes, entre outros.

Segundo Gil (2002, p. 53), “no estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo”.

Leia, com atenção, o resumo do artigo escrito por Camargo-Borges e Japur (2006) sobre um estudo de campo realizado em grupos comunitários no contexto do Programa de Saúde da Família (PSF).

A Saúde Pública no Brasil tem acompanhado grandes movimentos de mudança do modelo assistencial em saúde. Novas tendências apontam para a importância de ações construídas a partir de seu contexto, voltadas a comunidades específicas. O presente estudo teve por objetivo descrever os sentidos de saúde/doença produzidos em grupos comunitários no contexto de um PSF. Foram audiogravados cinco grupos de sessão única, coordenados pela primeira autora. Os grupos foram transcritos e junto às notas de campo, constituíram a base de dados. A análise descreveu sentidos acerca das noções

que vêm embasando as novas propostas em saúde, dando visibilidade à multiplicidade de sentidos, desnaturalizando discursos fixos sobre saúde/doença.

As considerações finais, baseadas na perspectiva do construcionismo social, apontam para a fertilidade de uma prática em saúde baseada nos processos de conversação e negociação constantes, entre todos os atores sociais envolvidos.

Você deve ter observado que, nesse estudo, os pesquisadores envolveram-se diretamente com as pessoas da comunidade que participam do PSF. O resumo não deixa claro, mas podemos deduzir que os pesquisadores tiveram uma participação ativa na comunidade para construir, com os participantes do PSF, um discurso coletivo sobre a importância de uma prática em saúde baseada nos processos de conversação e negociação constantes envolvendo todos os integrantes.

3.8 Pesquisa-ação e Pesquisa participante

A pesquisa-ação e a pesquisa participante constituem as últimas modalidades de pesquisa que vamos estudar. Ambas são caracterizadas pela condição de horizontalidade no processo de conhecimento e ação e participação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Segundo Thiollent (2003), a **pesquisa-ação** é um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A **pesquisa participante** é uma modalidade de pesquisa qualitativa voltada para a ação político-social de emancipação das comunidades carentes ou de poucos recursos, tendo como base o empenho de uma instituição governamental ou privada interessada nos resultados da investigação e, como tal, disposta a financiá-la. Nesse sentido, o pesquisador tem que necessariamente propor meios para a alteração da realidade observada, não apenas constatar o problema. (GIL, 2002).

O planejamento da pesquisa-ação e da pesquisa participante difere significativamente de outros tipos de pesquisa, não sendo possível estabelecer uma rigidez nas etapas que constituem seu desenvolvimento.

Leia com atenção o resumo do artigo publicado por Dias (1998), no qual se ilustra um exemplo de pesquisa-ação.

Este artigo relata uma experiência de controle da doença de Chagas, vivida na década de 80 em um povoado rural do Vale do Jequitinhonha, MG, e reavaliada recentemente. Trata-se de um projeto de pesquisa-ação participativa, com aplicação na área de educação popular em saúde. Teve como objetivo conhecer, do ponto de vista dos sujeitos, o significado da doença de Chagas na vida de uma comunidade endêmica, procurando com eles alternativas de controle. Apesar da altíssima prevalência, a doença não chegava a ser prioridade sentida pela população, que vivia em situação de carências múltiplas e de luta pela sobrevivência. O controle da doença deu-se de forma integrada com outras necessidades. Levantam-se pistas para trabalhos de participação no controle de endemias, levando-se em conta a sabedoria popular, a visão integrada dos problemas e na mobilização em torno de interesses concretos. Destacam-se como necessários: a mudança nas relações entre o agente externo e a comunidade, a reciprocidade do envolvimento, a postura de 'escuta' e de solidariedade, o autodiagnóstico, a organização da população.

O resumo da pesquisa de Dias (1998) exemplifica, de forma clara, uma pesquisa-ação. No processo de pesquisa, o pesquisador propõe, a partir do conhecimento popular dos moradores, aliado ao seu conhecimento técnico-científico, alternativas de controle da doença de Chagas, sugerindo que a comunidade (coletividade) sinta-se responsável pelo enfrentamento e pela solução do problema.

Esta é a essência da pesquisa-ação ou da pesquisa participante, pois há interação constante entre o pesquisador e os sujeitos que estão envolvidos na realidade na qual a pesquisa se desenvolve.

Além disso, todos se envolvem na proposição de estratégias para solucionar os problemas presentes na comunidade. A expressão "Eu? Eu estou aí, compondo o mundo", sugestivamente incluída no título do trabalho, sintetiza uma tomada de consciência de um dos moradores, no sentido de sentir-se parte integrante do mundo e, com isso, sentir-se integrado aos problemas vivenciados pela comunidade.

Capítulo 3

Estudo de Caso

Habilidades

O conteúdo estudado nesse capítulo propiciará a compreensão das características que definem uma pesquisa do tipo estudo de caso. Ao mesmo tempo, o entendimento sobre as situações em que esse tipo de pesquisa é recomendado, quais suas vantagens, quais os tipos e quais as etapas que devem ser seguidas para a investigação do tema e/ou assunto.

Seções de estudo

Seção 1: Definições

Seção 2: Uso e vantagens

Seção 3: Tipos e etapas

Seção 1

Definições

O estudo de caso, segundo Gil (1999), é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

Para Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Mazzotti (2006), afirma que, ao definir o objeto do estudo de caso como um fenômeno contemporâneo, Yin procura distingui-lo dos estudos históricos, nos quais a evolução temporal é o foco de interesse, o que não significa que, nos estudos de caso, não se recorra a fatos passados para compreender o presente.

A investigação de estudo de caso, para Yin (2005, p. 33):

[...] enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que de pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise de dados.

Para Chizzotti (2006, p. 102),

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora.

Para Yin (2005), o estudo de caso é uma das maneiras de fazer pesquisa em todas as áreas. Experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análise de informações em arquivos são alguns exemplos de maneiras diferentes para a realização de uma pesquisa. Contudo, cada estratégia apresenta vantagens e desvantagens, dependendo das seguintes condições:

[...] tipo de questão da pesquisa, o controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais efetivos, o foco em fenômenos históricos, em oposição a fenômenos contemporâneos [...]. (YIN, 2005, p.19).

Geralmente, esse tipo de estudo representa a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, e quando o pesquisador tem pouco controle sobre os fenômenos estudados.

No entendimento de Martins e Santos (2003), num estudo de caso, o investigador tenta examinar uma situação em profundidade. O investigador tenta descobrir todas as variáveis que são importantes na história ou desenvolvimento de seu sujeito.

A ênfase está em compreender por que o indivíduo faz o que faz, como seu comportamento muda quando ele responde a seu ambiente. Isto exige estudo detalhado por um período considerável de tempo. O investigador coleta dados sobre:

- o estado presente do sujeito;
- suas experiências passadas;
- seu ambiente; e
- como estes fatores se relacionam uns com os outros.

Um caso é um acontecimento no mundo real que uma teoria pressupõe no mundo abstrato. O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto para propor uma intervenção.

Como visto nas diversas definições, o estudo de caso consiste em uma investigação minuciosa de uma ou mais organizações ou grupos, visando prover uma análise do conjunto e dos processos envolvidos no fato analisado.

Hartley (1994) nos lembra que o fenômeno estudado não está isolado de seu contexto, sendo este, inclusive, o interesse principal do pesquisador: a relação entre o fenômeno estudado e o seu contexto.

Seção 2

Uso e vantagens

A utilização do estudo de caso é abrangente, podendo ser aplicado em várias situações. E, por juntar vantagens de vários métodos, acabou se transformando na estratégia de pesquisa preferida dos investigadores dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo.

No entendimento de Fidel (1992), o estudo de caso é apropriado para investigação de fenômenos, quando:

- há uma grande variedade de fatores e relacionamentos;
- não existem leis básicas para determinar quais fatores e relacionamentos são importantes;
- os fatores e relacionamentos podem ser diretamente observados.

Yin (2005) descreve três situações nas quais o estudo de caso é indicado:

1. Quando o caso em pauta é crítico, para testar uma hipótese ou teoria previamente explicitada;
2. Quando o caso é extremo ou único;
3. Quando o caso é revelador, ou seja, quando o pesquisador tem acesso a uma situação ou fenômeno até então inacessível à investigação científica.

Para Hartley (1994), o estudo de caso é considerado adequado para:

- a compreensão dos processos sociais em seu contexto organizacional ou ambiental importante para a pesquisa;
- a exploração de novos processos ou comportamentos, gerando hipóteses e construindo teorias;
- a averiguação de casos atípicos ou extremos para melhor compreender os processos típicos;
- a busca de fatos na vida organizacional, considerando que uma pesquisa quantitativa, por exemplo, seria muito estática para abarcar o fluxo de atividades em uma empresa;
- a exploração de comportamentos organizacionais informais.

O estudo de caso pode ser utilizado em todos os tipos de pesquisa. Contudo, há alguns obstáculos que devem ser considerados, quais sejam:

- a falta de rigor metodológico exige que se redobrem os cuidados tanto no planejamento quanto na coleta e análise dos dados;
- a dificuldade de generalização na análise de um único, ou mesmo, de múltiplos casos fornece uma base muito frágil para a generalização;
- o estudo de caso demanda muito tempo destinado à pesquisa, e, frequentemente, seus resultados tornam-se pouco consistentes.

Goode e Hatt (apud BRESSAN, 2006) propõem algumas medidas, para que se possa obter um bom estudo de caso.

Vejamos quais são elas:

1. Desenvolver um plano de pesquisa que considere os seguintes perigos ou críticas: por exemplo, com relação ao sentimento de certeza, pode-se usar um padrão de amostra apropriado, pois, sabendo que sua amostra é boa, há uma base racional para fazer estimativas sobre o universo do qual ela é retirada.
2. Ao fazer generalizações, da mesma maneira que nas generalizações a partir de experimentos, fazê-las em relação às proposições teóricas, e não para populações ou universos.
3. Esquematizar a utilização, tanto quanto possível, da técnica do código qualitativo para traços e fatores individuais que são passíveis de tais classificações. Recomenda-se que, por segurança, as classificações feitas sejam analisadas por um conjunto de colaboradores.
4. Procurar não fazer narrações longas e relatórios extensos, uma vez que relatórios deste tipo desencorajam a leitura e a análise do estudo do caso.
5. Fazer seleção e treinamento criteriosos dos investigadores e assistentes (colaboradores para a coleta de dados na pesquisa) para assegurar o domínio das habilidades necessárias à realização de estudo de caso.

O estudo de caso, como **estratégia de pesquisa**, é abrangente, por tratar da lógica de planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos. Apenas isto já bastaria para justificar a escolha do estudo de caso como estratégia de pesquisa, mas, para garantir que esta seja a melhor escolha, apresentaremos, alguns arcabouços teóricos para validar o estudo de caso como o ideal para nosso trabalho de pesquisa.

Yin (2005) esclarece que a investigação de estudo de caso, enfrenta uma situação tecnicamente única, em que haverá mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado disso, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

De acordo com Bonoma (1985), os **objetivos do método** do estudo do caso não são a quantificação, nem a enumeração, mas, ao invés disso:

- descrição;
- classificação (desenvolvimento de tipologia);

- desenvolvimento teórico; e
- o teste limitado da teoria.

As vantagens desta metodologia, segundo Bruyne, Herman e Schoutheete (1994), são as seguintes:

- criar um estímulo a novas oportunidades de descobertas do desenvolvimento da investigação;
- trabalhar com situações concretas, possibilitando, se necessário, mudanças favoráveis no caso em estudo;
- procurar relacionar a teoria (pesquisa bibliográfica) com a prática (pesquisa de campo);
- não requerer um modo único de coleta de dados, podendo o investigador utilizar-se de entrevistas, observações, relatórios e questionários.

Entre as vantagens do método do estudo de caso, está o fato de que se pode obter inferência do estudo de todos os elementos que envolvam uma entidade completa, em vez de o estudo de vários aspectos selecionados.

Seção 3

Tipos e etapas

3.1 Tipos de estudos de caso

Autores como Bogdan e Biklen (1992 apud RAUEN, 2006), apresentam os seguintes tipos de casos:

- histórico-organizacionais;
- observacionais;
- de histórias de vida;
- comunitários;
- situacionais;
- microetnográficos;

- comparativos; e
- multicasos.

Nos estudos **histórico-organizacionais**, o pesquisador se interessa por uma instituição, iniciando seu trabalho de pesquisa a partir do conhecimento existente e disponível em arquivos referentes à vida da instituição, publicações, estudos pessoais, entre outros.

Nos estudos **observacionais**, a estratégia para a coleta de dados mais importante é a observação participante. O investigador mergulha na realidade dos processos investigados como elemento participante dessas práticas.

A **história de vida** consiste na aplicação de instrumentos, como entrevistas semi-estruturadas, a pessoas importantes, destaques na sociedade.

No estudo **comunitário**, a pesquisa é realizada por uma equipe multidisciplinar. Para realizá-la, é necessário organizar uma equipe de trabalho e propor pontos de observação distintos que podem gerar estudos de casos isolados ou estudo de caso único.

Os estudos **situacionais** referem-se a situações específicas que ocorrem na sociedade, como por exemplo, uma greve, uma manifestação social. Neste caso, o pesquisador procura conhecer os pontos de vista e as circunstâncias que são pertinentes às pessoas envolvidas.

Os estudos **microetnográficos** focalizam aspectos específicos de uma realidade maior, como o comportamento de clientes diante de uma vitrine, de candidatos a uma vaga de emprego, de clientes em uma fila em um estabelecimento e assim por diante.

O estudo **comparativo** consiste em comparações entre dois ou mais enfoques específicos. “Geralmente seguem os passos do método comparativo, descrevendo, explicando e comparando os fenômenos.” (RAUEN, 2006 p. 181).



Podemos apresentar como exemplos: a comparação entre estruturas organizacionais; o comportamento de homens e mulheres diante de um cargo ocupado; o comportamento das pessoas em filas de banco com ou sem senhas e espaço adequado para a espera até serem atendidos.

Nos **multicasos**, são estudos de dois ou mais casos, como por exemplo dois ou mais sujeitos, organizações, escolas etc.

3.2 Etapas de estudos de caso

Não há consenso por parte dos pesquisadores, quanto às etapas a serem seguidas no desenvolvimento do estudo de caso. Segundo Chizzotti (2006), o desenvolvimento do estudo de caso supõe três fases, quais sejam:

1. Seleção e delimitação do caso;
2. Trabalho de campo; e
3. Organização e redação do relatório

A **seleção e delimitação do caso** é uma etapa decisiva para a análise da situação estudada. O caso deve ser uma referência significativa para merecer a investigação e, por comparações aproximativas, ser apto para fazer generalização de situações similares ou autorizar inferências em relação ao contexto da situação analisada.

A delimitação deve precisar os aspectos e os limites do trabalho, a fim de reunir informações sobre um campo específico e fazer análises sobre objetos definidos, a partir dos quais se possa compreender uma determinada situação. Quando se toma um conjunto de casos, a coleção deles deve cobrir uma escala de variáveis que explicita diferentes aspectos do problema.

O **trabalho de campo** visa a reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações. A coleta de informações em campo pode exigir negociações prévias para se aceder a dados que dependem da anuência de hierarquias rígidas ou da cooperação entre as pessoas informantes. As **informações** são documentadas, servindo para fundamentar o relatório do caso, que será, por sua vez, objeto de análise crítica pelos informantes ou por qualquer interessado.

Informações

De qualquer tipo, como: escrita, oral, gravada, filmada etc.

Documentos, rascunhos, notas de observação, transcrições, estatísticas etc., coligidos em campo, devem ser reduzidos ou indexados segundo critérios predefinidos, a fim de que se constituam em dados que comprovem as descrições e as análises do caso. É assim que deve ser feita a **organização e redação do relatório**,

Para resumir, Yin (2005) apresenta as etapas do método de estudo de caso descrevendo-as da seguinte forma: a etapa inicial consiste no desenvolvimento da teoria específica; em seguida, se faz necessário selecionar o caso e definir as medidas específicas para o planejamento e coleta de dados. Essa segunda etapa projeta o protocolo de coleta de dados.

O protocolo deve apresentar uma **visão geral do projeto** de estudo de caso, com objetivos e patrocínios, questões do estudo de caso e leituras importantes sobre o tópico que está sendo investigado. Também deve apresentar, bem como, os procedimentos de campo, as questões do estudo de caso e o **guia para o relatório**, feito de:

- Resumo;
- formato de narrativa; e
- informações bibliográficas.

Vale ressaltar que é fundamental adotar o estudo de caso em situações que recomendam este tipo de pesquisa. Todas as etapas devem ser bem pensadas, definidas. Caso contrário, um estudo de caso pode parecer um “amontoado de dados” que o pesquisador não consegue analisar, muito menos interpretar.

Capítulo 4

Projeto de pesquisa

Habilidades

A abordagem sobre o assunto contemplado neste capítulo permite a identificação dos itens que fazem parte de um projeto de pesquisa e dos que fazem parte dos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Seções de estudo

Seção 1: Elementos de um projeto de pesquisa

Seção 2: Estrutura lógica do trabalho acadêmico

Seção 1

Elementos de um projeto de pesquisa

O projeto de pesquisa inicia com a definição do tema e do problema. A esta etapa chamamos de **planejamento da pesquisa** ou **projeto de pesquisa**. Mas, independente da nomenclatura, o momento inicial é o que consideramos crítico para a identificação da relevância da pesquisa, sua justificativa e contextualização, pois remete à abordagem dos principais aspectos que envolvem o ponto de partida para uma pesquisa científica.

Ao produzir o projeto de pesquisa, o tema, objetivos e procedimentos metodológicos, constituem a lógica que une os dados a serem coletados e as conclusões a serem tiradas; o projeto remete às questões iniciais para o estudo científico.

Para Heerdt e Leonel (2006, p. 112), “o projeto de pesquisa é o planejamento de uma pesquisa, ou seja, a definição dos caminhos para abordar certa realidade.” Um planejamento de pesquisa é uma série de etapas estabelecidas pelo pesquisador, que direciona a metodologia aplicada no desenvolvimento da pesquisa. O pesquisador obedece a um plano de etapas metodológicas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa científica. Ele tem como prioridade demonstrar as atividades indispensáveis ao desenrolar da pesquisa. (FACHIN, 2003).

Ao planejarmos uma pesquisa, firmamos a pretensão de realizar uma atividade de investigação científica. Em outros termos, isto implica um plano elaborado para responder a uma ou mais questões pertinentes ao tema investigado. Compreende uma construção lógica e racional que se baseia nos postulados da metodologia científica a serem empregados no desenvolvimento de uma série de etapas, de modo a facilitar a execução do plano de trabalho. De forma simplista, o projeto é a descrição do que será necessário para a consecução de uma pesquisa.

Jung (2003) esclarece que o planejamento/projeto da pesquisa corresponde a um processo no qual, a partir de uma necessidade, se escolhe um tema e, gradativamente, define-se um problema e as formas para solucioná-lo. Assim, o projeto de pesquisa deve, fundamentalmente, ser constituído em cima de 3 (três) passos, para responder às seguintes questões:

- O que?
- Como?
- Quando?

O passo principal é saber sobre **o que** se trata:

Qual o tema? Qual o problema? Quais os subproblemas? Qual a justificativa?
Quais os objetivos? Quais os pressupostos teóricos?

Depois dessa definição, passamos aos procedimentos, às maneiras de executar, ao **como** fazer:

O que será feito para solucionar o problema? Qual será o universo a ser pesquisado? Quais instrumentos serão utilizados para a coleta das informações? Serão feitas entrevistas, observações, formulários, questionário? Serão feitas experimentações, medições? Que atividades serão realizadas? Como serão analisados os dados?

E, por fim, precisamos pensar em prazos para cada ação, **quando** iremos executar as etapas, qual o tempo que temos: Qual o tempo total previsto para a pesquisa? Qual o tempo destinado a cada etapa? Como se distribuem as atividades no tempo? O projeto é viável no tempo disponível?



Antes de darmos continuidade aos elementos do projeto, pensemos na seguinte questão: Por que se deve planejar uma pesquisa?

Para responder a esta pergunta, pensemos na elaboração da planta antes da construção de uma casa ou de um rascunho antes da produção de uma obra prima.

Na lição de Minayo (1994, p.35):

Fazemos um projeto de pesquisa para mapear um caminho a ser seguido durante a investigação. Buscamos, assim, evitar muitos imprevistos no decorrer da pesquisa que poderiam até mesmo inviabilizar sua realização. Outro papel importante é esclarecer para o próprio investigador os rumos do estudo (o que pesquisar, como, por quanto tempo etc.). Além disso, um pesquisador necessita comunicar seus propósitos de pesquisa para que seja aceita na comunidade científica.

Entende-se por planejamento da pesquisa a previsão racional de um evento, atividade, comportamento ou objeto que se pretende realizar a partir da perspectiva científica do pesquisador. Como previsão, deve ser entendida a explicitação do caráter antecipatório de ações e, como tal, atender a uma racionalidade informada pela perspectiva teórico-metodológica da relação entre sujeito e o objeto da pesquisa.

Dependendo da natureza da pesquisa, ela poderá envolver muitas etapas. Em qualquer projeto de pesquisa básico, alguns componentes/elementos são pertinentes, como:

- o tema;
- a justificativa;
- o problema;
- os objetivos;
- a contextualização teórica; e
- os procedimentos metodológicos.

Estas etapas devem ser adequadas ao perfil científico do pesquisador e ao método de estudo, para que não sejam despendidos esforços em vão.

Seguimos para obtermos uma melhor compreensão sobre a elaboração de cada etapa do projeto de pesquisa.

1.1 O tema

Um tema nasce de leituras, reflexões, informações e até mesmo problemas deflagrados pelo pesquisador. Então, vamos a esta etapa!

Conforme Minayo (1994, p. 37),

O tema de uma pesquisa indica uma área de interesse a ser investigada. Trata-se de uma delimitação ainda bastante ampla. Por exemplo, quando alguém diz que deseja estudar a questão da “violência conjugal” ou a ‘prostituição masculina’, está se referindo ao assunto de seu interesse. Contudo, é necessário para a realização de uma pesquisa um recorte mais ‘concreto’, mais preciso deste assunto.

Assim, o tema de uma pesquisa é um assunto que necessita de mais definições, além de informar, com precisão e clareza, o que já existe sobre o mesmo. A primeira escolha deve ser feita com relação a um campo delimitado, dentro da respectiva ciência de que trata o trabalho científico.

Acompanhe o que nos dizem Marconi e Lakatos (1991, p. 218) a respeito:

Pode surgir de uma dificuldade prática enfrentada pelo coordenador, da sua curiosidade científica, de desafios encontrados na leitura de outros trabalhos ou da própria teoria. Pode ter sido sugerido pela entidade responsável pela parte

financeira, portanto, “encomendado”, o que não lhe tira o caráter científico, desde que não se interfira no desenrolar da pesquisa; ou se “encaixar” em temas muito amplos, determinados por uma entidade que se dispõe a financiar pesquisas e que promove uma concorrência entre pesquisadores, distribuindo a verba de que dispõe entre os que apresentam os melhores projetos. Independente de sua origem, o tema é, nessa fase, necessariamente amplo, precisando bem o assunto geral sobre o qual se deseja realizar a pesquisa.

E quanto à escolha do tema? Como saber o que pesquisar? De que forma podemos estabelecer o objeto da pesquisa?

De acordo com os autores Cervo e Bervian (2002, p. 81):

A escolha do tema é o primeiro passo no planejamento da pesquisa, mas não o mais fácil. Não faltam, evidentemente, temas para pesquisa: a dificuldade está em decidir-se por um deles. Para muitos pesquisadores, a decisão final é precedida por momentos de verdadeira angústia, mormente quando se trata de pesquisas decisivas para a carreira profissional.

Santos (2002) sugere que o pesquisador escolha o tema de acordo com seu gosto pessoal, preparo técnico e tempo disponível, além de refletir sobre sua importância ou utilidade e existência de fontes ou referências bibliográficas a respeito. Para a escolha do tema, os seguintes critérios devem ser considerados:

- os individuais; e
- os externos.

Nos **individuais**, a escolha do tema implica em gostar do assunto, conhecê-lo minimamente e ter motivação para a investigação do mesmo. Nos **externos**, é preciso pensar se o tema escolhido é viável, tem utilidade e é relevante, ou seja, se pesquisar sobre o assunto escolhido, vai contribuir para o contexto pesquisado e/ou contexto científico e social.

O tema divide-se em:

- geral; e,
- específico.

O **tema geral** representa o assunto que será aprofundado, mediante a ação de pesquisar. Como ponto de partida, o acadêmico deverá identificar-se com o tema escolhido, optando, em primeiro plano, pela área com a qual possui maior afinidade.



Alguns exemplos de temas gerais de pesquisa: Tecnologia da informação e turismo; Administração pública municipal; Qualidade na administração pública; Balanço social; Perfil dos gestores; Pequenas empresas no cenário internacional; Motivação no trabalho.

O **tema específico** favorece ao pesquisador as limitações que devem ser consideradas na investigação de um assunto. No tema específico, após a escolha do tema geral, o pesquisador deverá fazer um recorte em relação à amplitude do tema pesquisado, ou seja, deverá identificar o assunto que, especificamente, quer pesquisar. Dessa forma, a abrangência do assunto é restringida e delimitada, facilitando todo o processo da pesquisa.

Assim, ressalta-se que delimitar o tema é selecionar um tópico ou parte a ser focalizada. Para Marconi e Lakatos (1991, p. 218), é:

- a) selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as possibilidades, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho científico;
- b) encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa.

O assunto escolhido deve ser possível e adequado em termos dos fatores externos e dos internos ou pessoais. O tema deve ser naturalmente adequado à capacidade e à formação do pesquisador e corresponderá às suas possibilidades, quanto ao tempo e aos recursos econômicos. Na escolha do tema, deve-se, igualmente, levar em consideração o material bibliográfico, que deve ser suficiente e estar disponível.

Cervo e Berviam (2002, p. 82) explicam que, para facilitar a determinação do tema, pode-se recorrer, por um lado, à divisão do tema em suas partes constitutivas e, por outro, à definição da compreensão dos termos.

A decomposição do tema equivale ao desdobramento do mesmo em partes, enquanto a definição dos termos implica a enumeração dos elementos constitutivos ou explicativos que os conceitos envolvem. Nem todos os temas poderão ser delimitados com auxílio dessas técnicas especiais. De acordo com a natureza do tema selecionado, será necessário uma ou outra das técnicas de delimitação.

Por fim, ressalta-se que o tema deve ser preciso, bem determinado e específico. Em geral, os títulos dos trabalhos são a transcrição, na íntegra, dos temas específicos.

No seguinte quadro, alguns exemplos de temas gerais e específicos.

Quadro 4.1 – Tema geral e tema específico

TEMA GERAL	TEMA ESPECÍFICO
Tecnologia da informação e turismo.	A tecnologia da informação nas empresas do ramo hoteleiro de Palhoça, SC.
Administração pública municipal.	Administração pública municipal de Palhoça, SC.
Qualidade na administração pública.	Qualidade na administração pública municipal de Palhoça, SC.
Balanço social.	Balanço social na cooperativa Alfa.
Perfil dos gestores.	Perfil dos gestores das empresas A, B, C.
Pequenas empresas no cenário internacional.	Experiência da inserção internacional das pequenas empresas industriais do ramo de confecções de Palhoça, SC.

Fonte: Cavalcanti; Moreira (2010 p.62).

Identificamos a etapa da **apresentação do tema** como uma das mais importantes do trabalho, pois é nela que você estruturará um texto coeso e coerente que apresente a ideia central de forma a convencer o leitor da sua relevância. Neste texto, podemos começar com a transcrição do tema específico diretamente, de forma clara e direta, ou se preferirmos, antes ainda, podemos fazer uma breve contextualização histórica ou conceitual do tema.

Depois da escolha do tema e da delimitação do tema específico, parte-se para a elaboração dos outros elementos.

1.2 A justificativa

A justificativa no estudo de caso, como o próprio nome indica, refere-se ao convencimento de ser fundamental efetivar o trabalho de pesquisa proposto. Antes de aprofundar sua leitura, procure refletir sobre a justificativa e tente responder, na elaboração do seu texto, às seguintes questões:

- Qual a relevância da pesquisa?
- Que motivos a justificam?
- Quais as contribuições da pesquisa para o contexto pesquisado e o contexto social?

Como enfatiza Rauber (2003, p. 19), “justificar nada mais é do que dar razões, dizer os porquês da pesquisa, mostrar sua importância para que e para quem.” Assim, questiona-se: quais os motivos que justificam esta pesquisa?

A justificativa traduz-se no momento em que o pesquisador deverá comentar a origem do problema e sua relação com o tema a ser pesquisado. Cabe, pois, ao pesquisador explicar os motivos que justificam a relevância da pesquisa, tanto para a teoria como para a prática, destacando as contribuições da pesquisa para o conhecimento científico. É na justificativa que o acadêmico pesquisador irá revelar a viabilidade da pesquisa; tanto no âmbito técnico, quanto no âmbito científico. (RAUBER, 2003, p. 19).

A justificativa apresenta respostas à questão e geralmente é o elemento que contribui mais diretamente na aceitação da pesquisa pela(s) pessoa(s) ou entidades que vão financiá-la. Consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa, de acordo com Marconi e Lakatos (1991).

A justificativa destaca a importância do tema abordado, levando em consideração o estágio atual da ciência, as suas divergências ou a contribuição que se pretende proporcionar ao pesquisar o problema abordado.

Justifica-se, portanto, a pesquisa pelo seu valor pessoal, organizacional e social, imprescindíveis ao conteúdo de um trabalho científico. Para Heerdt e Leonel (2006), a justificativa envolve aspectos de ordem teórica (para o avanço da ciência), de ordem pessoal/profissional, institucional e social (contribuição para a sociedade).

Desse modo, Barral (apud HEERDT; LEONEL, 2006) enumera alguns itens importantes que devem constar numa boa justificativa:

1. Atualidade do tema: inserção do tema no contexto atual.
2. Ineditismo do trabalho: atribuirá mais importância ao assunto.
3. Interesse do autor: vínculo do autor com o tema.
4. Pertinência do tema: contribuição do tema para o debate acadêmico.

Acompanhe, no quadro a seguir, um exemplo de justificativa que deve auxiliar o seu entendimento sobre o assunto e subsidiar, futuramente, a construção de seu texto.

Quadro 4.2 – Exemplo de Justificativa

Tema específico	Justificativa Pessoal	Justificativa Organizacional	Justificativa Social
A tecnologia da informação nas empresas do ramo hoteleiro de Palhoça, SC.	O presente estudo pode ser compreendido como um momento de síntese e posterior análise, para algumas reflexões realizadas no percurso da vida profissional do pesquisador acerca da tecnologia de informação nas organizações. O interesse pelo tema surgiu em decorrência da experiência profissional adquirida, ao longo de 10 anos, como gerente de planejamento.	A escolha de um determinado objeto de estudo não acontece por acaso, nem é desprovida de intencionalidade. A permanência de indagações, quer pela inexistência ou insuficiência do conhecimento existente, quer pela insatisfação ou discordância dos resultados divulgados, é fator que contribui para a escolha do tema. A decisão de analisar o impacto do sistema tecnológico de planejamento orçamentário na empresa do ramo hoteleiro Alfa de Palhoça - SC, deu-se por se constatar a necessidade de uma análise aprofundada, capaz de interpretar e evidenciar do sistema citado.	A importância social da pesquisa repousa na possibilidade de indicar nova interpretação sobre o impacto da implantação de tecnologia de informação em uma organização. Assim, o tema a ser pesquisado reveste-se de importância em razão do momento vivido pelo processo ensino - aprendizagem, onde há demanda crescente de maior eficiência organizacional.

Fonte: Cavalcanti; Moreira (2010, p. 66).

Ao elaborar a justificativa de um projeto de pesquisa, é importante seguir as recomendações citadas, para que a redação do mesmo apresente conteúdos significativos, contribuindo para a qualidade do trabalho.

1.3 O problema

A formulação do problema também integra a etapa inicial do projeto de pesquisa de estudo de caso. Para Cervo e Bervian (2002), o problema é uma questão que envolve, intrinsecamente, uma dificuldade teórica ou prática, para a qual se deve encontrar uma solução. Para Yin (2005), definir as questões da pesquisa é, provavelmente, o passo mais importante a ser considerado em um estudo de pesquisa. Assim, você deve reservar paciência e tempo suficiente para a realização dessa tarefa. A chave é compreender que as questões de uma pesquisa possuem substância (por exemplo, “sobre o que é o meu estudo?”) e forma (por exemplo, “estou fazendo uma pergunta do tipo ‘quem’, ‘o que’, ‘por que’ ou ‘como’?”).

O problema sempre se apresenta em forma de questionamento, de pergunta, a que o trabalho de pesquisa busca responder, delimitado com indicações das variáveis que intervêm no estudo de possíveis relações entre si. Daí que não se realiza atividade de pesquisa sem problema, sem dúvidas, sem questões que exigem respostas.

Neste sentido, Booth, Colomb e Williams (2000) afirmam que as perguntas são cruciais, porque o ponto de partida de uma boa pesquisa é sempre querer saber o que não se sabe, mas que há a necessidade de conhecer ou entender. Desta forma, as perguntas de pesquisa funcionam como direcionadores para os esforços que serão desenvolvidos no estudo, pois, além de direcionar os trabalhos, tornam a investigação mais objetiva. De certa forma, não há o que se investigar ou pesquisar, se antes não se questionar; e para isso servem as perguntas.

Desde Einstein, é mais importante para o desenvolvimento da ciência saber formular problemas do que encontrar soluções. Não existem regras absolutamente rígidas para a formulação de problemas, mas existem recomendações baseadas na experiência de pesquisadores que, quando aplicadas, facilitam a formulação do problema.

De acordo com Gil (1999, p. 54-55), as principais regras para a formulação de problemas de pesquisa são as seguintes:

- a) O problema deve ser formulado como uma pergunta. Este procedimento facilita a identificação do que efetivamente se deseja pesquisar.
- b) O problema deve ser delimitado a uma dimensão viável. Frequentemente o problema é formulado de maneira tão ampla que se torna impraticável chegar a uma solução satisfatória.

Nem todos os aspectos do problema podem ser pesquisados simultaneamente. Torna-se necessário, portanto, reduzir a tarefa a um aspecto que possa ser tratado em um único estudo, ou dividido em sub-questões que possam ser tratadas em estudos separados.

- c) O problema deve ter clareza. Os termos utilizados devem ser claros, deixando explícito o significado com que estão sendo utilizados.
- d) O problema deve ser preciso. Embora com significado esclarecido, nem sempre os termos apresentados na formulação do problema deixam claro o limite de sua aplicabilidade.
- e) O problema deve apresentar referências empíricas. A observância a este critério nem sempre é fácil nas ciências sociais. É comum esperar dessas ciências respostas para problemas que envolvem juízos de valor.

Vale registrar que, para maior eficácia na formulação do problema, as perguntas devem ser postuladas de tal forma para que haja possibilidade de respostas utilizando a pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (1994), definir um problema significa especificá-lo em detalhes precisos e exatos. Na formulação de um problema, deve haver clareza, concisão e objetividade. A colocação clara do problema pode facilitar a construção da hipótese central.

De acordo com Minayo (1994), a escolha de um problema de pesquisa merece indagações como as seguintes:

- Trata-se de problema original e relevante?
- Ainda que seja interessante, é adequado para mim?
- Tenho, hoje, possibilidades reais para executar tal estudo?
- Há tempo suficiente para investigar tal questão?

Seguindo as características apresentadas nos critérios de Minayo (1994), Marconi e Lakatos (1991), apresentam-se alguns aspectos do problema a serem considerados:

- Viabilidade: pode ser eficazmente resolvido através da pesquisa.
- Relevância: deve ser capaz de trazer conhecimentos novos.
- Novidade: estar adequado ao estágio atual da evolução científica.
- Exequibilidade: pode chegar a uma conclusão válida.
- Oportunidade: atender a interesses particulares e gerais.

A adequada formulação de um problema de pesquisa não é tarefa das mais fáceis.

Um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos. Para se assegurar disso, o pesquisador necessita fazer um levantamento bibliográfico da área, entrando em contato com as pesquisas já realizadas, verificando quais os problemas que não foram pesquisados, quais os que não o foram adequadamente e quais os que vêm recebendo respostas contraditórias. Este levantamento bibliográfico é muitas vezes demorado e pode constituir mesmo uma pesquisa de cunho exploratório, cujo produto final será a re colocação do problema sob um novo prisma. (GIL, 1999, p. 51).

A relevância prática do problema está nos benefícios que podem decorrer de sua solução. Muitas pesquisas são propostas por órgãos governamentais, associações de classe, empresas, instituições educacionais ou partidos políticos, visando à utilização prática de seus resultados. Assim, o problema será relevante à medida que as respostas obtidas trouxerem consequências favoráveis a quem o propôs.

Para auxiliar na elaboração do problema de pesquisa de seu Estudo de Caso, o quadro a seguir traz exemplos de tema e o seu respectivo problema.

Quadro 4.3 – Exemplos de tema e problema

Tema específico	Problema
A tecnologia da informação nas empresas do ramo hoteleiro de Palhoça, SC.	Qual o impacto da implantação do Sistema Tecnológico de Planejamento Orçamentário na empresa do ramo hoteleiro Alfa, de Palhoça, SC?
Qualidade na administração pública municipal de Palhoça, SC.	Qual é o nível de qualidade existente na administração pública na Prefeitura Municipal de Palhoça, SC, no ano de 2013, segundo parâmetros do Manual para Avaliação da Gestão Pública, Programa Qualidade no Serviço Público – PQSP?
Administração pública municipal de Palhoça.	De que forma a administração pública municipal de Palhoça, SC, trabalhou em 2013 a gestão de segurança pública?
Balanço social na cooperativa Alfa.	Como são organizadas as informações do balanço social na cooperativa Alfa, de Palhoça, SC?
Motivação no trabalho no ramo hoteleiro.	O nível de motivação dos funcionários do Hotel X, na cidade de Florianópolis/SC é positivo?

Fonte: Cavalcanti; Moreira (2010, p. 70).

1.4 Objetivos

Furasté (2004) define os objetivos como sendo as indicações, precisas e claras, das metas, propósitos e resultados concretos a que se pretende chegar. Para Fachin (2003), o objetivo é o resultado que se pretende em função da pesquisa. Geralmente, é uma ação proposta para responder à questão que representa o problema.

Cervo e Bervian (2002) afirmam que os objetivos em vista definem, muitas vezes, a natureza do trabalho, o tipo de problema a ser selecionado, o material a coletar etc. A partir desta contextualização, é possível afirmar que os objetivos da pesquisa perpassam o grau de entendimento e o índice de assimilação dos conteúdos presentes na tarefa cognoscitiva do acadêmico pesquisador.

Nas fases iniciais (graduação e especialização), os objetivos situam-se no âmbito de estudar, conhecer e compreender. No mestrado, os objetivos podem ser de aprofundar, dominar o âmbito e, eventualmente, localizar novas relações. Somente no doutorado, é exigido tema original, pois trata-se da elaboração de uma tese, e se chega à descoberta de novas relações ou ao estabelecimento de novas teorias, de acordo com Vieira e Hossne (2004).

Os objetivos se classificam em:

- geral; e
- específicos.

O **objetivo geral** define, de modo amplo, aquilo que o pesquisador deseja pesquisar. Procura determinar, com clareza e objetividade, o propósito do pesquisador com a realização da pesquisa. Está ligado a uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, tanto dos fenômenos e eventos, quanto das ideias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da proposta pelo projeto.

Os **objetivos específicos** determinam aspectos que se pretende estudar, compreender, explicar, ou seja, o pesquisador evidencia, de forma clara e precisa, a finalidade do estudo que pretende desenvolver. Definir os objetivos específicos significa aprofundar as intenções expressas nos objetivos gerais. O estudante pesquisador se propõe a mapear, identificar, verificar, diagnosticar, traçar o perfil ou historiar determinado assunto específico dentro de um tema. Ele pode querer mostrar novas relações para o mesmo problema, identificar outros aspectos, ou mesmo utilizar os conhecimentos adquiridos com a pesquisa para instrumentalizar sua prática profissional ou intervir em determinada realidade onde ocorre o problema. (CERVO; BERVIAN, 2002).

Para Marconi e Lakatos (1991), os objetivos específicos apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicá-lo a situações particulares.

Sobre os específicos, podemos pensar o seguinte: determinam as etapas necessárias para atingir o objetivo geral, devem começar com um verbo no infinitivo, assim como indicar uma ação passível de mensuração.

Objetivo geral: Indicação do resultado pretendido.

Objetivos específicos: Indicação das etapas que levarão à realização do objetivo geral. Os objetivos específicos são instrumentais para o objetivo geral e dão uma visão embasadora para o próprio tema. Eles norteiam, por assim dizer, a pesquisa.

Os objetivos indicam o que se pretende conhecer, medir ou provar no decorrer da investigação.

Nessa etapa, deve-se demonstrar a relevância do problema, com o intuito de despertar o interesse do leitor. Os objetivos também demonstram a contribuição que se tenciona alcançar com a pesquisa, para as possíveis soluções do problema. Eles devem estar norteados por aspectos que determinam a finalidade da pesquisa, como: para quem, para quê, o quê, onde; a finalidade deve estar assim configurada. Devem conter os aspectos mais significativos, como a correlação entre causa e efeito de determinado problema. (FACHIN, 2003, p. 114).

Ao escrever um objetivo, algumas recomendações devem ser atendidas para a elaboração correta de objetivos:

- iniciar usando o verbo no modo infinitivo (ex.: identificar, verificar, analisar, caracterizar, selecionar, explicar, descrever etc.);
- não usar um verbo que sugira muitas interpretações; e
- apresentar um objetivo de cada vez, com um único verbo na frase.

O quadro, a seguir, apresenta alguns exemplos de objetivos decorrentes dos temas apresentados nos exemplos anteriormente.

Quadro 4.4 – Exemplos de objetivos

Tema Específico	Problema	Objetivo geral	Objetivos específicos
A tecnologia da informação nas empresas do ramo hoteleiro de Palhoça, SC.	Qual o impacto da implantação do Sistema Tecnológico de Planejamento Orçamentário na empresa do ramo hoteleiro Alfa, de Palhoça, SC?	Analisar o impacto da implantação do Sistema Tecnológico de Planejamento Orçamentário na empresa do ramo hoteleiro Alfa, de Palhoça, SC.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever aspectos da tecnologia da informação. - Descrever a metodologia utilizada pela empresa Alfa quando da implantação do sistema. - Verificar, mediante entrevistas com os responsáveis diretos, os pontos fortes e fracos do sistema implantado.
Qualidade na administração pública municipal de Palhoça, SC.	Qual é o nível de qualidade existente na administração pública na Prefeitura Municipal de Palhoça, SC, no ano de 2013, segundo parâmetros do Manual para Avaliação da Gestão Pública, Programa Qualidade no Serviço Público - PQSP?	Analisar o nível de qualidade existente na administração pública da prefeitura municipal de Palhoça, SC, no ano 2013, segundo parâmetros do Manual para Avaliação da Gestão Pública - Programa Qualidade no Serviço Público – PQSP.	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a administração pública do município de Palhoça. - Descrever as principais ações voltadas à segurança pública municipal.
Administração pública municipal de Palhoça, SC.	- De que forma a administração pública municipal de Palhoça, SC, trabalhou em 2013 a gestão de segurança pública?	Avaliar a forma que a administração pública municipal de Palhoça, SC trabalhou a gestão de segurança pública em 2013.	<ul style="list-style-type: none"> Verificar as políticas de qualidade utilizadas pela organização estudada. - Propor ações que auxiliarão no desenvolvimento de diretrizes para implementação da qualidade no serviço público municipal.

continua...

Tema Específico	Problema	Objetivo geral	Objetivos específicos
Balço social na Cooperativa Alfa.	Como são organizadas as informações do balanço social na Cooperativa Alfa, de Palhoça, SC?	Analisar como são organizadas as informações do balanço social na Cooperativa Alfa da região sul de Santa Catarina.	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar, Historicamente, a organização pesquisada, sua estrutura física colaboradores, missão e objetivos. - Identificar a metodologia utilizada pela cooperativa Alfa para elaboração do balanço social.
Perfil dos gestores das empresas A, B, C.	Qual o perfil de qualificação dos gestores das empresas A, B e C, situadas em Palhoça, SC?	Apontar o perfil de qualificação dos gestores das empresas A, B, C, situadas em Palhoça, SC.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever as características de cada empresa estudada; - Traçar o perfil sociodemográfico dos administradores das empresas estudadas.
Experiência da inserção internacional das pequenas empresas industriais do ramo de confecções de Palhoça, SC.	Como o profissional de comércio exterior contribuiu para a inserção no mercado internacional da empresa industrial Beta, de Palhoça, SC?	Descrever a contribuição do profissional de comércio exterior no processo de inserção no mercado internacional da empresa industrial Beta, de Palhoça, SC.	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar historicamente a empresa Beta. - Levantar as maiores dificuldades enfrentadas pela empresa para inserção no mercado internacional.
Motivação no trabalho no ramo hoteleiro.	O nível de motivação dos funcionários do Hotel X, na cidade de Florianópolis/SC é positivo?	Analisar o nível de motivação dos funcionários do Hotel X de Florianópolis/SC.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar em que aspectos há mais insatisfação por parte dos funcionários pesquisados. - Apresentar uma proposta de gestão de pessoas voltada à motivação dos funcionários do Hotel X de Florianópolis/SC.

Fonte: Cavalcanti; Moreira (2010, p. 84).

Martins e Santos (2003) observam que um objetivo claramente formulado fornece base sólida para a seleção do método, procedimento que ajudará a alcançá-lo. Ele está bem formulado quando consegue comunicar seu propósito; o melhor enunciado é aquele que exclui a possibilidade de que seu propósito venha a ser confundido com outro.

1.5 A contextualização teórica

Outras expressões podem ser utilizadas, além da expressão “contextualização teórica”, que correspondem a este item do projeto, como: fundamentação teórica, revisão bibliográfica, estado da arte. Neste item, apresentam-se as teorias existentes sobre o assunto/tema escolhido. Por exemplo, se o tema escolhido tem um histórico, apresenta-se um breve histórico do assunto, se o tema escolhido tem conceitos, apresenta-se os conceitos indicados por vários autores, se têm funções, tipos, sistemas, estas questões também podem ser apresentadas como base teórica de forma breve ou mais aprofundada, de acordo com a natureza do projeto. Enfim tudo que diz respeito ao tema pode ser enfatizado neste item. E sempre que o pesquisador achar prudente inserir citações no corpo do trabalho, para dar sustentabilidade à sua opinião, ele deve fazê-lo.

O suporte teórico tem uma importância ímpar e atribui ao trabalho a característica científica necessária a muitas das inferências do pesquisador.

Lohn (2005) nos diz que, na contextualização teórica, conceitos importantes são esclarecidos; teóricos que tratam do mesmo tema da pesquisa são apresentados e, também, relacionados à pesquisa realizada. Quando inserimos as fontes e informações de outros autores sobre o tema que estamos pesquisando, mostramos o conhecimento já produzido, além de discutirmos questões polêmicas, problematizando-as. Na contextualização teórica assumimos um posicionamento em relação ao trabalho científico, ou seja, concordamos ou discordamos de certas teorias, fundamentando-as.

A qualidade de um trabalho científico pode, muitas vezes, ser avaliada, a priori, a partir de uma verificação de sua contextualização teórica, não só no seu aspecto quantitativo, mas, principalmente, no qualitativo.

A fundamentação teórica é importante porque favorece a definição de contornos mais precisos da problemática a ser estudada. Serve também de revisão dos trabalhos publicados mais importantes sobre o assunto a ser pesquisado. Em suma, é a contextualização do tema dentro de uma base teórica preexistente, com a sua contribuição pessoal ao conectar os diversos autores que abordam o assunto.

É prudente, já na apresentação do tema, demonstrar ao leitor as teorias principais que se relacionam com o tema da pesquisa. O que é dito sobre o tema na atualidade, qual o enfoque que está recebendo, quais lacunas existentes etc.

Algumas dicas para começar esta construção:

- Procure bibliografias que tratam do assunto; em seguida, selecione algumas citações que possam conceituar o tema.
- Pesquise sobre alguns estudos realizados na área, pesquisando artigos em bases de dados científicas e apresente novas abordagens sobre o tema escolhido.

- Crie uma base conceitual sobre o assunto para familiarizar o leitor do seu trabalho com o tema.
- Utilize materiais estudados no decorrer do curso; algumas teorias trabalhadas podem – e devem – contribuir para o embasamento teórico do assunto.

Contextualizar o assunto teoricamente formaliza o tema. A construção do texto, lembrando, não deve ser fragmentada, mas compor um texto coeso, seguindo uma sequência lógica de ideias/concepções teóricas, com base em citações para fundamentar as afirmações propostas.

As citações devem ser apresentadas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Todo texto criado com base no discurso do outro deve ser devidamente citado, conforme orientação das normas.

É comum, na contextualização teórica, alguns pesquisadores se equivocarem na quantidade de citações, apenas inserindo-as sem expor a sua opinião (deixando o texto muito fragmentado, sem a coesão própria para esta atividade). Outro erro que devemos evitar é escrever tudo com redação própria, sem sequer citar a fonte de seus conceitos. Muito do que escrevemos, apesar de ser citação indireta, não caracteriza senso comum e, se não for citada a fonte, podemos estar parafraseando um autor sem a devida referência, o que é considerado **plágio**.

Os nomes dos autores citados no corpo do trabalho – tanto de forma direta, quanto indireta – devem constar no item referências. Para a apresentação das referências, as normas da ABNT também devem ser seguidas.

1.6 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos compreendem:

- a caracterização do estudo (tipo de pesquisa);
- a definição da área/local de estudo;
- público alvo;
- instrumentos de coleta de dados; e
- o cronograma, com a previsão de prazos para cada etapa da pesquisa.

1.6.1 Caracterização do estudo

Na caracterização do estudo é definido o tipo de pesquisa, quanto aos objetivos de estudo, quanto aos procedimentos para a coleta de dados e quanto à abordagem.

Quanto aos objetivos de estudo temos, a pesquisa do tipo exploratória, descritiva e explicativa.

Se **exploratória**, por exemplo, busca familiarizar o pesquisador com o assunto e com a realidade da organização. Constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Por exemplo, no objetivo descrito anteriormente, de “Analisar como são organizadas as informações do balanço social na Cooperativa Alfa da região sul de Santa Catarina”, é necessário inicialmente explorar o tema balanço social e a organização das informações deste instrumento, isolando qualquer tipo de variável na investigação do assunto.

Quando a pesquisa é definida como **descritiva**, procura descrever a proposta ou características da empresa. Por exemplo: quais meios de informações sobre o balanço social são disponibilizados, descrever o nível de escolaridade, de renda etc., das pessoas que terão acesso às informações. A partir dos resultados obtidos, as variáveis determinadas podem ser relacionadas. Portanto, descreve-se a realidade pesquisada da forma como ela é: o pesquisador não interfere nos resultados.

A pesquisa **explicativa** utiliza variáveis para explicar os fatores determinantes do problema estudado. Por exemplo: verificar se o nível de motivação dos funcionários de uma organização é positivo ou negativo, mas tendo como preocupação central identificar os fatores que levaram a tal resultado. Vale lembrar que este tipo pesquisa é mais complexa do que as duas primeiras.

Quanto aos procedimentos para a coleta de dados, há o tipo de pesquisa bibliográfica, documental, experimental, de levantamento etc, definidas em capítulo anterior, sendo o Estudo de Caso mais um tipo de pesquisa que pertence a esta classificação.

No que se refere à abordagem, existe a pesquisa quantitativa e qualitativa. Se a pesquisa for de abordagem quantitativa, utilizará gráficos, tabelas etc, representados por números, porcentagens. Neste caso, geralmente utiliza questionários com perguntas fechadas para coleta de dados.

As pesquisas de descrição quantitativa são conhecidas como levantamento de dados, pesquisas de sondagem. Elas consistem na solicitação de informações a um grupo estatisticamente significativo de pessoas para posterior análise quantitativa. (RAUEN, 2006, p. 46).

Na pesquisa com abordagem qualitativa são categorizadas expressões, pois este tipo de pesquisa se vale da análise e da interpretação de palavras, de ideias que foram coletadas. Neste tipo de pesquisa, o instrumento para coleta de dados consta, geralmente, de questionários que contemplam perguntas abertas ou de entrevistas.

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido neste tipo de abordagem é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Para Lüdke e André (1982) a abordagem qualitativa pode ser destacada em pesquisas do tipo Estudo de Caso e do tipo etnográfico. Ainda reforça Rauen (2006) que nas pesquisas qualitativas, o pesquisador não intervém na realidade pesquisada.

1.6.2 Área de estudo ou Campo de estudo

A descrição da área ou campo de estudo é apresentar o local onde será feita a pesquisa. Utilizamos com mais propriedade a descrição **Campo de estudo** ou **Universo da pesquisa**, quando não temos como demonstrar amostragem, ou seja, quando o objeto de estudo vai ser pesquisado como um todo, sem condições de fazer recortes ou fragmentações.

Podemos relacionar os seguintes exemplos para demonstrar a importância da descrição do campo de estudo:

- a pesquisa de um *software* específico;
- uma obra literária;
- uma fórmula matemática;
- o desempenho de um determinado *hardware* etc.

Mas o Campo de estudo ou o Universo da pesquisa também se faz presente quando nosso objeto de estudo é uma organização (empresa privado ou pública).

1.6.3 O público alvo

O público alvo diz respeito aos participantes da pesquisa. A população, ou o público alvo, pode ser representado por indivíduos, grupos, organizações e por integrantes da sociedade. A amostra compreende um subconjunto da população. O tamanho da amostra depende dos objetivos do trabalho e do grau de confiança que o pesquisador quer alocar aos resultados. De acordo com Mattar Neto (1996), o procedimento de amostragem pode ser realizado por meio de uma amostra probabilística e não probabilística.

A amostra não probabilística é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador. Pode ser de conveniência, intencional ou por cotas.

Probabilística é aquela em que cada elemento da população tem uma chance conhecida e diferente de zero de ser selecionado para compor a amostra. Pode ser aleatória simples, aleatória estratificada ou por conglomerado. (MATTAR NETO, 1996, p. 132).

Vale salientar que, na amostra não-probabilística intencional, que é a mais usada em estudos de caso, o pesquisador usa o seu julgamento para selecionar os membros da população que são boas fontes de informação precisa, com vista ao alcance dos objetivos de seu estudo. Na amostra não-probabilística intencional, o pesquisador está interessado na opinião de determinados elementos da população, mas que não são representativos da mesma. O pesquisador, portanto, não se dirige à “massa”, mas àqueles elementos que, segundo seu entender, pela função desempenhada ou cargo ocupado, vão lhe fornecer maiores subsídios à solução do problema de pesquisa levantado, como comentam Lakatos e Marconi (1991).

A amostra probabilística tem um caráter mais preciso e é ideal para estudos onde a população é grande e se necessita de uma margem estatística confiável para provar sua pesquisa.

Ao realizar uma pesquisa de fato é importante que o pesquisador tenha conhecimento de como apresentar uma amostra da população que será pesquisada. É recomendada a consulta a um especialista de estatística, para que a amostragem utilizada na pesquisa corresponda a uma representação significativa, caracterizando uma pesquisa científica.

1.6.4 Instrumentos de coleta de dados

Este item consiste em indicar o tipo de instrumento utilizado para registro dos dados que serão coletados para a pesquisa, que pode ser:

- questionário;
- entrevista;
- roteiro;
- formulário etc.

O instrumento que será utilizado vai depender dos procedimentos já apontados pelo pesquisador.

Ao visitar o local de estudo, um observador preparado pode fazer observações e coletar evidências sobre o caso em estudo. É o caso de uma **observação direta**. Estas evidências geralmente são úteis para prover informações adicionais sobre o tópico em estudo. Para aumentar a fidedignidade das observações, além de ter roteiro definido no protocolo, pode-se designar mais de um observador e, após

as observações feitas por cada um deles, comparar os resultados para eliminar possíveis discrepâncias.

Um **banco de dados** deve ser criado para armazenar informações obtidas durante a própria coleta de dados. Esse banco tem a função de organizar e documentar os dados coletados para os estudos de caso.

Ao elaborar o plano de pesquisa, o pesquisador deve deixar bem claro qual instrumento de coleta de dados será utilizado, indicando-o no texto do projeto, além de apresentar o **modelo do instrumento na íntegra**, nas páginas finais do trabalho escrito.

1.6.5 Procedimentos para a coleta de dados

Informam as operações/atividades desenvolvidas, a forma de aplicação dos instrumentos para a coleta de dados.

1.6.6 Tratamento dos dados

Indicam-se os recursos que serão utilizados para a análise dos dados. Por exemplo, se serão utilizados tabelas, gráficos etc.

1.6.7 Cronograma

Informam a previsão das atividades e, respectivamente, o período de execução.

Vejamos um exemplo:

Quadro 4.5 – Previsão das atividades e períodos de execução

Atividades	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Elaboração do pré-projeto	X				
Pesquisa bibliográfica	X	X	X		
Aplicação do questionário				X	
Tabulação e análise dos dados				X	
Apresentação do relatório	X	X	X	X	

Fonte: Elaboração da autora (2014).

1.6.8 Orçamento

Neste item, informa-se a previsão e o detalhamento de todos os recursos financeiros necessários para a realização da pesquisa.

Seção 2

Estrutura lógica do trabalho acadêmico

A estrutura geral do trabalho acadêmico compreende três elementos, quais sejam:

- pré-textuais;
- textuais; e
- pós-textuais.

2.1 Elementos pré-textuais

Os elementos pré-textuais são constituídos pela capa, folha de rosto, resumo e sumário. Esses são os elementos considerados obrigatórios. Tabelas, Gráficos, Lista de Siglas, entre outros, são opcionais. Na apresentação de um trabalho escrito, devemos atender às normas gerais, o que é obrigatório e opcional, e as orientações da instituição com o qual o trabalho está vinculado; neste caso, a UnisulVirtual.

2.2 Elementos textuais

Os elementos **textuais** correspondem à estrutura lógica do trabalho. Para Severino (2000, p. 82):

Todo trabalho científico, seja ele uma tese, um texto didático, um artigo ou uma simples resenha deve constituir uma totalidade de inteligibilidade, estruturalmente orgânica, deve formar uma unidade com sentido intrínseco e autônomo [...].

A estrutura lógica do trabalho acadêmico compreende três partes relacionadas:

- Introdução;
- desenvolvimento; e
- conclusão.

Esta estrutura reproduz as fases características do pensamento reflexivo: “do sincrético, pelo analítico, ao sintético”.

2.2.1 Introdução

O objetivo principal da introdução é apresentar a maneira como a pesquisa foi desenvolvida, de forma clara e precisa. Os principais requisitos para a redação da introdução são os seguintes:

- Definição do assunto;
- objetivos;
- justificativa;
- metodologia; e
- plano de desenvolvimento do trabalho.

A **definição do assunto** consiste em anunciar a ideia geral e precisa sobre o tema. Primeiramente, é contextualizada a área de conhecimento em que o tema se situa e, depois, é apresentada, de maneira bem específica, a questão ou as questões que o trabalho se propõe a responder. Trata-se da problematização da pesquisa.

Os **objetivos** apresentam as ações que deverão ser desenvolvidas na pesquisa.

Verbo infinitivo

Como: analisar, demonstrar, identificar, descrever etc.

O **verbo no infinitivo** ajuda na redação do enunciado, apresentando de maneira mais clara o que deverá ser abordado no trabalho. É necessário tomar cuidado para não apresentar objetivos na introdução que não sejam “cumpridos” no desenvolvimento do trabalho.

A **justificativa** consiste em apresentar a relevância teórica, científica, prática e social da pesquisa. Deve esclarecer os motivos que levaram à escolha do tema e chamar a atenção do leitor para a atualidade do assunto. Uma justificativa bem feita desperta o interesse para a leitura do trabalho.

A **metodologia** informa sobre os recursos que foram utilizados para a coleta de informações, na tentativa de buscar respostas para o problema. Se a pesquisa for puramente bibliográfica convém informar, já de início, as principais fontes e autores que foram utilizados para fundamentar o assunto. Dependendo da natureza da pesquisa, este item pode merecer um capítulo especial no desenvolvimento do trabalho.

O **plano de desenvolvimento do trabalho** finaliza a introdução e deve conter os tópicos principais, as ideias-mestras que serão apresentadas no desenvolvimento. Se as divisões do trabalho forem muito extensas, com capítulos grandes, é possível antecipar uma ideia geral para cada capítulo.

A introdução deve ser a última parte do trabalho a ser elaborada, ou seja, a escrita deve começar pelo desenvolvimento do trabalho, pois somente dessa maneira será possível escrever sobre o que foi efetivamente desenvolvido.

2.2.2 Desenvolvimento

O desenvolvimento é dividido em partes e é a fração mais extensa do trabalho, pois nele são apresentados os resultados de tudo aquilo que foi pesquisado.

A decomposição do assunto em suas partes constitutivas é condição indispensável para a compreensão do mesmo. É bem mais fácil compreender o assunto quando este estiver dividido, pois sem divisão não se pode identificar claramente o tema central, nem tampouco distinguir o que se quer atribuir ao todo ou somente a uma ou outra de suas partes. (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 97).

O desenvolvimento corresponde ao corpo do trabalho. Salomom (apud SEVERINO, 2000) afirma que esta é a fase de fundamentação lógica do trabalho, que tem por objetivo:

- Explicar;
- discutir; e
- demonstrar.

Explicar é tornar evidente ou compreensível o que estava obscuro ou complexo; é descrever, classificar, definir. **Discutir** é aproximar, comparativamente, questões antagônicas ou convergentes. **Demonstrar** é argumentar, provar, apresentar ideias que se sustentam em premissas admitidas como verdadeiras.

O desenvolvimento do trabalho começa a se materializar no momento em que o pesquisador estabelece os objetivos e o plano de assunto da pesquisa. Os objetivos específicos devem servir de base para a composição dos capítulos. A elaboração do plano de assunto, por sua vez, permite que se visualize a estruturação do trabalho em suas divisões e subdivisões.

Enquanto o desenvolvimento representa a parte analítica do trabalho, a conclusão representa a parte sintética. Analisar é decompor em partes e sintetizar é recompor as partes que foram decompostas na análise.

2.2.3 Conclusão

A conclusão é a parte que finaliza a construção lógica do trabalho, na qual é feito um balanço geral dos principais resultados alcançados. Não é conveniente detalhar ideias que não tenham sido tratadas no desenvolvimento e nem se deve apresentar um mero resumo do trabalho. Entretanto, na parte inicial, podemos lembrar, de maneira breve, as principais ideias que foram expostas no decorrer dos capítulos.

A conclusão deve apresentar um posicionamento reflexivo na forma de interpretação crítica das principais ideias apresentadas no texto. Deve definir o ponto de vista do autor e trazer sua marca pessoal.

O trabalho também deve ser avaliado quanto ao seu alcance e limitações. Quanto ao alcance, é importante realçar ou valorizar os resultados, afinal foram despendidos esforços para se chegar aonde se chegou. Quanto às limitações, é importante que se reconheçam as fraquezas ou qualquer dificuldade que tenha ameaçado a qualidade ou o caráter de cientificidade do trabalho.

Ao final da conclusão, você pode vislumbrar - apenas apontar sem desenvolver - outros temas que mantenham relação com o tema pesquisado e que possam ser investigados em novas pesquisas.

Vale ressaltar que para a elaboração de um texto científico, deve-se levar em conta os elementos que enfatizam a redação do texto desta natureza, ou seja, o estilo na redação de um texto científico, em geral, deve contemplar:

- Objetividade;
- clareza e concisão;
- simplicidade; e
- coerência.

Objetividade diz respeito ao uso de uma linguagem direta, sem considerações irrelevantes, com as ideias apresentadas sem ambiguidade e por meio de frases curtas e simples, com vocabulário adequado ao tema proposto na redação.

Clareza e concisão expressam as ideias em poucas palavras, evitando a argumentação muito abstrata e a repetição desnecessária de detalhes que não sejam relevantes à fundamentação do tema abordado na redação.

Simplicidade significa utilizar apenas as palavras necessárias para o entendimento do tema da redação, evitando o abuso do uso de jargões técnicos e de sinônimos pelo simples prazer da variedade de palavras.

A **coerência** remete a uma sequência lógica e ordenada das ideias apresentadas, permitindo ao leitor acompanhar o raciocínio do autor do começo ao fim.

Luckesi (2003, p. 164) ressalta que estas qualidades são “[...] puramente instrumentais, simples meios para que melhor se comunique a visão de mundo a que se chegou através do processo de conhecer”, não isentando, porém, da preocupação em buscar uma expressão mais clara possível neste tipo de comunicação, sem desvalorizar o conhecimento da própria língua.

Segundo Rudio (1999, p. 32-33), “não existem regras padronizadas para alguém saber com certeza, quais os termos que devem ser selecionados para definição. Isto depende do discernimento do pesquisador.” Além disso, durante o processo de redação, você deve escolher adequadamente as palavras que farão parte do repertório teórico do texto.

Algumas palavras ‘caem’ melhor do que outras, dependendo da frase, da situação abordada, do problema discutido etc. Como suporte para essa atividade de escolha das palavras podem ser utilizados tanto os dicionários comuns como os especializados. (MÁTTAR NETO, 2002, p. 231).

Outros aspectos importantes para escrever bem uma redação devem ser levados em conta. O sentido do texto deve ser preciso, evitando-se as “armadilhas” semânticas da ambiguidade, como também as repetições e detalhes supérfluos na exposição dos resultados.

Não misture as pessoas verbais, escolhendo apenas uma pessoa para compor o seu texto. Posicione-se, amparando-se nos autores consultados e destacados ao longo da redação produzida, pois o texto científico é por excelência uma **redação dissertativa**, na qual seu ponto de vista deve estar salientado. Seja coerente do começo ao fim do texto, não misturando planos de ideias e argumentos. Evite iniciar ou terminar a redação dos capítulos com citação (seja direta ou indireta), pois esta tem a função de endossar ou de ajudar na argumentação das ideias do autor da redação.

O **parágrafo** é uma parte importante do texto que tem por finalidade expressar as etapas de raciocínio do autor, permitindo ao leitor acompanhá-lo do começo ao fim da produção textual. Por isto, a cada ideia nova ou de reforço abre-se parágrafo, do que se conclui que seu tamanho não pode ser muito longo, nem muito curto.

A construção da redação deve reproduzir a estrutura lógica do próprio trabalho, que está constituída de uma introdução, de um corpo (e/ou desenvolvimento) e de uma conclusão.

2.3 Elementos pós-textuais

Os elementos pós-textuais são constituídos das referências, do(s) apêndice(s) – se houver - e do(s) anexo(s).

As referências é o momento da apresentação de todas as fontes utilizadas. Para cada tipo de fonte há uma forma de apresentação, de acordo com as normas da ABNT. Conforme Motta (2009, p. 142) “as referências referem-se à etapa em que

se lista as obras citadas em ordem alfabética e alinhadas à esquerda, conforme as diretrizes da ABNT, NBR 6023 (ago. 2002).”

O(s) apêndice(s) sempre deve ser apresentado após as referências, é um item que se relaciona aos textos e documentos produzidos pelo autor do trabalho (MOTTA, 2009), como, por exemplo, um questionário, um roteiro etc.

O(s) anexo(s) é quando se utiliza um documento que foi elaborado por outro autor. Ou seja, “o anexo se refere aos documentos não produzidos pelo autor do trabalho, com o intuito de fundamentar, esclarecer e confirmar ideias abordadas no projeto.” (MOTTA, 2009, p. 143).

Considerações Finais

Prezado(a) estudante,

Os conteúdos abordados nesta Unidade de Aprendizagem, ainda que de forma muito resumida, pontuam elementos que contemplam o desenvolvimento de um projeto de pesquisa. A intenção foi oferecer os meios necessários para o desenvolvimento de conhecimentos voltados ao processo de produção científica.

A pesquisa é fundamental em qualquer contexto social, pois ela contribui com alternativas e/ou soluções para cada situação pesquisada. No entanto, é imprescindível acompanhar a multiplicação de informações decorrentes das mudanças impulsionadas pelas tecnologias da comunicação e informação.

O assunto contemplado no material não esgota todas as informações referentes ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa, por isso é importante que outros materiais sejam pesquisados, estudados, que outras leituras de artigos científicos sejam feitas, possibilitando mais embasamento que facilitem o desenvolvimento de projetos na sua área de formação.

Acredito que o estudo desta Unidade de Aprendizagem tenha possibilitado novos saberes, permitindo o acesso às informações iniciais sobre procedimentos que são pertinentes para a realização de uma investigação científica.

Atenciosamente,

Professora Ana Waley Mendonça

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação, Referências, elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BICUDO, Maria Aparecida V. Pesquisa qualitativa e Pesquisa quantitativa segundo a abordagem fenomenológica. In: BORBA, Marcelo de C.; ARAUJO, Jussara de L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Cap. 4, p. 99-112.

BITTAR, Eduardo C.B. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática da monografia para os cursos de direito. 3.ed. .rev. São Paulo: Saraiva, 2003.

BONOMA, T. V. Case research in marketing: opportunities, problems, and process. **Journal of Marketing Research**, [S. l.], v. 22, May, 1985.

BOOTH, W.; COLOMB, G.; WILLIAMS, J. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRESSAN, Flávio. O método do estudo de caso. **Administração on-line**, v. 1, n. 1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm>. Acesso em: 08 abr. 2014.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

CAMARGO-BORGES, Celiane; JAPUR, Marisa. Promover e recuperar saúde: sentidos produzidos em grupos comunitários no contexto do Programa de Saúde da Família. **Interface - comunicação, saúde, educação**. Botucatu, v. 2, n. se, 2006. Disponível em: <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?pid=s1414-32832006000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 set. 2013.

CAVALCANTI, Marcelo José; MOREIRA, Enzo de Oliveira. **Metodologia para estudo de caso**: disciplina na modalidade a distância. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedor Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

_____. **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. 3 ed. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1983.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: para uma geração consciente. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

DIAS, Rosinha Borges. “Eu? Eu estou aí, compondo o mundo.” Uma experiência de controle de endemia, pesquisa e participação popular vivida em Cansanção, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1998000600014>. Acesso em: 24 set. 2013.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FAISTING, A.L. O Dilema da Dupla Institucionalização do Poder Judiciário: o caso do Juizado Especial de Pequenas Causas. In: Sadek, M.T. **O sistema de justiça**. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 43-59.

FERREIRA, Ailton; ESPIRANDELLI, Luiz; PELOSO, Ulisses Carlos. Etodolac versus diclofenaco em traumatismos esportivos agudos. **Arquivos brasileiros de medicina**. Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 175-181, mar./abr. 1992.

FERREIRA, Lucilene Braz; RAMOS, Anatólia Saraiva Martins. Tecnologia da informação: commodity ou ferramenta estratégica? **Revista de gestão da tecnologia e sistemas de informação**, v. 1, n. 1, p. 27 – 43, set. 2004. Disponível em: <<http://www.tecsi.fea.usp.br/Revistatecsi/edicoesanteriores/v02n01-2005/a05v02n01-abstract.asp>>. Acesso em: 07 set. 2013.

FIDEL, R. The case study method: a case study. In: GLAZIER, Jack D.; POWELL, Ronald R. **Qualitative research in information management**. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: nova ABNT, 13. ed. Porto Alegre: [s. n.], 2004.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARTLEY, Jean F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian (Ed.). **Qualitative methods in organizational research: a practical guide**. London: Sage, 1994.

HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. **Metodologia científica**: livro didático. 2. ed. rev. Palhoça: UnisulVirtual, 2006.

JAREÑO, Bruno José. O mercado de trabalho e o mercado de recursos humanos em Uberlândia. **Horizonte científico**, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4196/3141>>. Acesso em: 09 set. 2013.

JUNG, C. F. **Metodologia científica**: ênfase em pesquisa tecnológica. 3. ed. [S. l.: s. n.], 2003.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. Tradução Helena Mendes Rotundo. São Paulo: EPU, 1980.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KRAČMAROVA, Lenka. et al. Tabaco, álcool e substâncias ilegais: experiências e posicionamento entre estudantes universitários italianos. **Revista da associação médica brasileira**, v. 57, n.5, p. 523-528, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302011000500009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 set. 2013.

LEONEL, Vilson; MOTTA, Alexandre de Medeiros. **Ciência e pesquisa**: disciplina na modalidade a distância. Palhoça: Unisul Virtual, 2011.

LOHN, Joel Irineu. **Metodologia para elaboração e aplicação de projetos**: livro didático. 2 ed. rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 37-53, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n27/a04n27.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

LUCKESI C. C. et al. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Livia de Castro. et al. Estudo comparativo sobre o desempenho perceptual e motor na idade escolar em crianças nascidas pré-termo e a termo. **Arquivos de neuro-psiquiatria**, São Paulo, v. 61. n. 2, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2003000200016>. Acesso em: 10 set. 2013.

MARCONI, A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MARTIN, Viviane Barrére; ANGELO, Margareth. A organização familiar para o cuidado com os filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, p. 89-95, outubro 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n4/13493.pdf>> Acesso em: 10 set. 2013.

MARTINS, J. P.; SANTOS, G. P. **Metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra, 2003.

MÁTTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. **Planejamento de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MAZZOTTI, A. J. A. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 36, n. 129, set./dez. 2006.

MENDONÇA, Herika Luciana Chaves de; SZWARCOWALD: Célia Landmann; DAMACENA, Giseli Nogueira. Autoavaliação de saúde bucal: resultados da Pesquisa Mundial de Saúde – Atenção Básica em quatro municípios do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2005. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, n. 10, v. 28, out. 2012. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2012001000011>. Acesso em: 17 set..2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOTTA, Alexandre de Medeiros. **O TCC e o fazer científico**: elaboração à defesa pública. Tubarão: Copiart, 2009.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Silvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia.**, Natal, v. 7, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-294x2002000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2013.

PASOLD, Cesar Luiz. **Prática da pesquisa jurídica: ideias e ferramentas úteis para o pesquisador do direito.** 4 ed. Florianópolis: OAB/SC, 2000.

PETRY, Analídia Rodolpho. et al. As interfaces da adoção. **Revista Barbarói,** Santa Cruz do Sul, v. 17, p. 49-61, jul.-dez. 2002. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=365307&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 set. 2013.

RAUBER, J. (Coord.) et al. **Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas.** Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica.** Tubarão: Editora Unisul, 2002.

_____. **Roteiros de pesquisa.** Rio do Sul, SC: Nova Era, 2006.

RÉA-NETO, A. Raciocínio clínico: o processo de decisão diagnóstica e terapêutica. **RRevista da associação médica brasileira,** São Paulo, v. 44, n. 4, out./dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42301998000400009&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 set. 2013.

RIBEIRO, Ana Luíza de Araújo. **Litisconsórcio Ativo necessário.** Goiânia, 2007. Disponível em: <<http://www.datavenia.net/artigos/litisconsorcioativonecessario.html>>. Acesso em: 09 set. 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo; Atlas, 1999.

RODRIGUES, Maísa Paulino; DOMINGOS SOBRINHO, Moisés; SILVA, Edna Maria da. Os cirurgiões-dentistas e as representações sociais da Aids. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csc/v10n2/a24v10n2.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2013.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SALES, Catarina Aparecida; MOLINA, Maria Aparecida Salci. O significado do câncer no cotidiano de mulheres em tratamento quimioterápico. **Revista brasileira de enfermagem,** Brasília, v. 6, n. 57, p. 720-723, nov./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n6/a18.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer monografia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUSA, B. et al. **O Programa saúde da família na visão dos membros da equipe e dos usuários de dois postos de saúde do Município de Araranguá, SC**. 2004. Trabalho Apresentado à disciplina de Iniciação ao Estudo Continuoado e Antropologia Cultural. Curso de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

SOUZA, S.P. et al. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.14, n.4, p 643-648, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-05722012000400011&lng=pt&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 17 set. 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VIEIRA, Sônia; HOSSNE, William Saad. **Metodologia científica para a área de saúde**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIEIRA, Valéria Cristina Ribeiro. et al. Perfil socioeconômico, nutricional e de saúde de adolescentes recém-ingressos em uma universidade pública brasileira. **Revista Nutrição**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 273-282, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v15n3/a03v15n3.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZOLCSAK, Elisabeth. **Difusão de conhecimentos sobre o meio ambiente na indústria**. 2002. 149 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Sobre a Professora Conteudista

Ana Waley Mendonça

Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. Graduada em Pedagogia também pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Na Unisul, como professora de EaD, atua nos cursos de Licenciatura, ministrando Didática I e II, Elementos da História da Educação (UA). No curso de Técnico em Gestão de TI, trabalha com a Metodologia para Estudo de Caso.

Também é professora do curso de Pedagogia a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, já ministrou Filosofia, Didática e Educação e meio Ambiente e, atualmente, é coordenadora do Setor de Avaliação.

Orientadora do Curso de Especialização em Ciências, na modalidade a distância, no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC.

Tem produções científicas na área de Educação e Meio Ambiente e faz parte do grupo de pesquisa AnPAP-EA/Cnpq/Unisul e Educação e Cibercultura Faed/cnpq/Udesc.

Metodologia para Estudo de Caso

Este livro possibilita a compreensão dos procedimentos e estrutura de trabalhos acadêmicos de caráter científico, na medida em que apresenta métodos de abordagem e procedimentos necessários para a investigação científica. Destacam-se algumas técnicas (instrumentos) utilizadas para a coleta de dados, assim como a classificação da pesquisa, abordagem e procedimentos para a coleta de dados visando à identificação das características de cada tipo de pesquisa, especificamente as do estudo de caso.



9 788578 176518

www.unisul.br